

# ESPAÇO KAIROS

---

PROPOSTA ARQUITETÔNICA DE MORADIA PARA IDOSOS  
E CENTRO DE CONVIVÊNCIA INTERGERACIONAL NO BAIRRO  
DO CAPIVARI EM FLORIANÓPOLIS

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro Tecnológico  
Arquitetura e Urbanismo  
Trabalho de Conclusão de Curso  
Orientador: Almir Reis  
Acadêmica: Laura Schumacher Corrêa



## MOTIVAÇÕES

Em “As mais belas coisas do mundo”, Valter Hugo Mãe, escritor angolano radicado em Portugal, usa a voz de uma criança para contar o que aprendeu com os avós. Quando li a história, foi inevitável não pensar sobre tudo o que aprendi com os meus velhinhos ao longo da vida e sobre tudo que ainda quero ensinar aos meus netos. O autor também fala com muito carinho sobre a importância da memória e do respeito por quem já experimenta a vida há bastante tempo em seu livro “Serei sempre teu abrigo”. Para além das relações de avosidade que permeiam nossas vidas, acredito que a convivência intergeracional, seja ela com pessoas da nossa família ou não, pode ser uma forma de construirmos uma cidade mais solidária.

Valter Hugo Mãe também escreveu “A máquina de fazer espanhóis”, que conta a história de um recém viúvo amargurado que vai morar no “Asilo Feliz Idade” contra seu desejo. Lendo o livro, lembrei da minha avó, que uma vez me disse que não gostaria de ser “uma velha asilada”. Para ela, “asilado” é sinônimo de exílio e morar em um significa viver fora da sociedade. De fato, não existem muitas opções de moradia para idosos que sejam atraentes aos nossos velhos e contribuam para seu convívio social. Tratando-se de iniciativas públicas, o número de moradias que não possuem um caráter exclusivamente assistencialista e hospitalar é ainda menor.

Ainda, quando somos jovens, pouco pensamos sobre o fato de que um dia seremos velhos. Ao longo dos meus vinte e tantos anos de vida, não refleti muito sobre o envelhecer e as consequências que esse processo terá sobre meu corpo e minha mente. Confesso, inclusive, que sempre tive um certo receio em encarar os estereótipos de decadência, dependência e melancolia que o envelhecimento carrega. Simone de Beauvoir (1990) bem disse: a velhice só concerne aos outros até o dia em que ela se abate sobre nós.

No mundo em que vivemos, marcado pela desobrigação do Estado em relação às questões sociais, acredito-se na ideia de que o envelhecimento é resultado de uma opção individual e que, portanto, envelhecer bem é uma escolha de cada um. Na verdade, acredito que as coisas não funcionam bem assim. Como arquiteta, quero propor um equipamento público que, de alguma maneira, propicie condições melhores de envelhecimento para a população florianopolitana.

Movida a essas reflexões, decidi projetar um Centro de Convivência e Lazer Intergeracional, que estimula a convivência e a coeducação entre as gerações, provê a cidade com uma opção digna de moradia para idosos e oferece ferramentas para a inserção dos velhos, crianças e adolescentes na vida social. Creio que, encorajando a prática intergeracional, também conseguimos enxergar novas perspectivas e aprender a se colocar no lugar do outro.

“Um dia, entendi que os velhos são heróis. Passaram por muito, ganharam e perderam tanta coisa. Perderam pessoas. Persistem sobretudo para cuidar de nós, os mais novos, e nos assistirem. Observam-nos.”

— VALTER HUGO MÃE, no livro “Serei sempre teu abrigo”

## AGRADECIMENTOS

À minha família, que me apoiou ao longo desses (quase) 9 anos de faculdade, erros, acertos e recomeços;

Aos amigos que fiz na UFSC e estiveram comigo nas mesas dos ateliês e dos bares;

Aos amigos que crescem comigo, firmes e fortes, desde os tempos pré smartphones;

Aos idosos que prontamente me ajudaram a enxergar novas perspectivas sobre a velhice;

Ao grupo de pesquisa da UFSC “Velho, eu?” e às coordenadoras do NETI/UFSC que me auxiliaram na minha fase de pesquisa;

E, é claro, à Universidade Federal de Santa Catarina e seus professores que, mesmo perante ao cenário caótico em que se encontra a educação pública do país, tanto me ensinaram.

# SU M A MÃE

4

metodologia

os nomes da velhice

6

parte 01: onde estamos?

11

parte 01: para onde podemos caminhar?

20

parte 01: com a palavra, os velhos

23

parte 02: sobre a proposta

35

parte 03: o projeto

53

referências bibliográficas e lista de figuras

## METODOLOGIA

Optei por estruturar meu TCC em 3 grandes partes, descritas abaixo. Em um primeiro momento, fiz uma pesquisa teórica referente ao tema que escolhi para meu trabalho. A partir dessa pesquisa, defini a localização, o programa de necessidades e analisei referências que servem como base para a terceira (e última) etapa, a concepção de uma proposta arquitetônica de um Centro de Convivência e Lazer Intergeracional.

### PARTE 1 | A PESQUISA

Estruturei essa etapa em duas questões centrais: **“onde estamos?”** e **“para onde podemos caminhar?”**. Pesquisei sobre intergeracionalidade, velhice, preconceito etário, conflitos e coeducação entre gerações, bem como experiências e ideias de convivência entre faixas etárias diversas. Delimitei um panorama histórico e atual desses assuntos para, a partir disso, refletir sobre caminhos que podemos trilhar no âmbito das relações intergeracionais, pesquisando referências em outros projetos. Com a finalidade de complementar a pesquisa acadêmica, também conversei com coordenadores e participantes de Grupos de Idosos de Florianópolis e falei disso na seção **“com a palavra, os velhos”**. Através dessas entrevistas, consegui captar demandas, vontades, vivências e dinâmicas de idosos para além do que se lê livros, o que foi bastante enriquecedor para minha aproximação com a temática do trabalho.

### PARTE 2 | SOBRE A PROPOSTA

Com a pesquisa concluída, defini o local de intervenção do projeto e analisei dinâmicas, pré-existências, infraestrutura e contexto da cidade de Florianópolis, do distrito dos Ingleses do Rio Vermelho, do Capivari e das imediações do terreno escolhido.

Além disso, a segunda parte também foi onde me aprofundi nas questões de projeto, de modo a idealizar um espaço coerente e útil para a comunidade e para as demandas de idosos, jovens e crianças. Com base nas pesquisas, nas referências analisadas e nas conversas com os idosos, defini o programa de necessidades, refleti sobre as diretrizes projetuais e cheguei em um partido arquitetônico.

### PARTE 3 | O PROJETO

A etapa final foi a elaboração de uma proposta arquitetônica de um Centro de Convivência e Lazer Intergeracional. Com base nas etapas anteriores projetei um espaço e representei-o através de desenhos arquitetônicos e imagens renderizadas.

## OS NOMES DA VELHICE

A velhice, segundo Schneider e Irigaray (2008), é um processo individual, resultado de aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos, históricos e sociais que se relacionam em maior ou menor grau de acordo com o contexto no qual o indivíduo está inserido. Ainda, Zatz e França (2021) enfatizam que envelhecemos como vivemos. A velhice não é uma cisão em relação às idades anteriores, mas sim uma continuação da infância, da adolescência, da juventude e da vida adulta, que podem ter sido vividas de diversas maneiras. Essa complexidade e multiplicidade de fatores, muitas vezes, faz com as pessoas tenham dificuldade em entender-se como velhas.

Em tempos nos quais aspectos como juventude, beleza, independência e produtividade estão em alta, ser velho remete à perda dessas características e acaba tendo um significado negativo no imaginário social. O envelhecimento é visto como um processo acompanhado de desgastes, limitações e esvaziamentos de papéis sociais. Por conta disso, parece que apesar de almejarmos uma vida longa, não queremos envelhecer. Resistimos em reconhecer-nos como velhos.

Quando comecei a escrever sobre o tema do meu trabalho, uma das primeiras dúvidas que tive foi acerca dos nomes da velhice, muito por conta dessa desaceitação com essa etapa da vida. Como me referir às pessoas de idade avançada? Velho? Idoso? Ou, quem sabe, adulto maduro? A fase da vida em que elas se encontram é a terceira idade? Melhor idade? Ou é a velhice? Confesso que, inicialmente, pensei que chamar os idosos de velhos poderia soar ofensivo e que terceira idade seria um termo adequado. Me enganei.

Pesquisando sobre a origem das palavras, descobri que, segundo Schneider e Irigaray (2008), o termo terceira idade teve sua origem na França na década de 1960 e designava os recém aposentados, que envelheceram de forma ativa e independente. A ideia de terceira idade, portanto, é questionável, já que reforça o pensamento de que é possível envelhecer sem ser necessariamente classificado como velho, como se isso fosse algo a ser evitado. Além disso, Peixoto (1998) nos lembra que o termo terceira idade oculta realidades em que prevalecem desigualdades sociais, visto que não são todas as pessoas que conseguem se aposentar.

Nossa língua é repleta de palavras e expressões que reforçam estereótipos e são preconceituosas. Temos receio em chamar alguém de velho e acabamos utilizando eufemismos para atenuar e mascarar o peso de uma palavra quando, na realidade, acabamos apenas reforçando suas conotações negativas. **Assim, por mais que possa causar um estranhamento em um primeiro instante, neste trabalho optei por usar, além de idoso, o termo velho. Evito falar em terceira idade (e sim em velhice) como uma tentativa de reeducar nosso vocabulário e naturalizar essa etapa da vida, sem relacioná-la a estereótipos negativos.**

“É importante lembrar que não sabemos quem somos se ignoramos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamos nos neles.”

— SIMONE DE BEAUVOIR

# PARTE I

## onde estamos?

06\_ o distanciamento geracional

07\_ o que nos contam os dados

08\_ reivindicativos, ativos e participativos

09\_ os cuidados de longa duração

10\_ sobre a moradia para idosos



## O DISTANCIAMENTO GERACIONAL

Quantos idosos que não são da sua família você conhece? Com quantas crianças que não são filhos de algum conhecido seu você tem contato? Qual sua relação com esses idosos? E com essas crianças? Suas relações com pessoas que não fazem parte da sua geração são apenas familiares ou institucionais? Por que estamos tão afastados uns dos outros? Na contemporaneidade, nossos espaços sociais são tão compartimentalizados para as diversas gerações que já nos acostumamos a isso. Vemos, conversamos e nos relacionamos muito pouco com pessoas de fora da nossa faixa etária que não fazem parte do nosso convívio familiar — talvez um pouco por acharmos que não temos muito em comum uns com os outros, um pouco por não termos muitas oportunidades para tentar fazer essa relação funcionar.

Segundo Rolnik (1998), os locais privados (como o interior das residências, os condomínios fechados ou os espaços comerciais) foram ampliados nas cidades modernas, o que favoreceu o isolamento, já que a família foi se fechando cada vez mais dentro de suas casas e, ao mesmo tempo, foi se reduzindo: onde antes viviam pais, avós, tios e vários filhos, hoje vive apenas a família nuclear. Os espaços públicos foram se tornando vias de passagem, o que dificultou a convivência e o lazer na esfera do ambiente urbano. Assim, se há algumas décadas as crianças e jovens cresciam ocupando as ruas, hoje eles ocupam espaços fechados e controlados. Ainda, se antes as pessoas conviviam pessoalmente em seu cotidiano, hoje muito do convívio foi substituído por interações remotas, através de smartphones ou de computadores. E, se por um lado, as novas tecnologias podem ajudar a aproximar pessoas que se encontram fisicamente distantes, por outro, elas podem distanciar e até isolar aqueles que não tem acesso (ou não sabem como utilizar) à essas tecnologias.

Os centros urbanos contemporâneos também contribuem para esse cenário de distanciamento. Conforme Ferrigno (2011), nas nossas cidades existem muitos espaços específicos para adultos, alguns para crianças ou adolescentes e pouquíssimos para idosos: os adultos têm seu universo principalmente voltado ao trabalho, se relacionam, em sua maioria, com outros adultos e ocupam quase todos os espaços das cidades. As crianças, por sua vez, são escolarizadas cada vez mais cedo para que seus pais possam trabalhar — nas escolas, o contato com os adultos é pouco e resume-se a relação de aluno e professor. E os idosos, onde estão? Que espaços estão ocupando? Mais que isso, com quem estão se relacionando?

Na verdade, não estamos habituados a ver idosos desfrutando efetivamente da cidade: existe uma incompatibilidade entre velhice e espaço público, exceto quando este último for uma praça ou jardim, sinônimos de ociosidade e de “ver” o tempo passar (ALMEIDA, 2003, p. 45). Sobre isso, Ferrigno (2010) explora algumas das possíveis explicações para a falta de idosos em nossos espaços públicos. Nas últimas décadas assistimos a um esvaziamento de papéis

do velho, fato que determina seu crescente isolamento ou recolhimento ao espaço doméstico. A aposentadoria, a viuvez e a chamada “síndrome do ninho vazio” são fenômenos que impõem aos idosos uma diminuição das suas funções, distanciando-os da vida pública e social.

Somado ao esvaziamento de papéis, a concepção contemporânea que atribui aos adultos a função de produtividade e, portanto, de valor econômico, automaticamente ignora quem está às margens da lógica dos meios de produção, como idosos ou crianças. Assim, o que observamos são cidades feitas majoritariamente para adultos: pouca acessibilidade, pouco lugar para descanso e lazer, muitos espaços para trabalho e a priorização do automóvel são algumas das evidências de que a sociedade ocidental dá preferência para os adultos produtivos no que diz respeito à construção de nossos centros urbanos. Nessa inadequação das cidades para suas demandas, portanto, os idosos enxergam mais um motivo para permanecer recolhidos em casa e as cidades permanecem fragmentadas e compartimentalizadas.

Nesse sentido, Rolnik (1998) reforça que é preciso transformar a cidade em lugar de cidadania. Essa transformação passa também através da reflexão acerca do papel social da criança e do idoso na sociedade, incentivando todas as faixas etárias a terem um estilo de vida integrado e ativo. Além de mudanças na legislação, a proposição de novas diretrizes e espaços que fomentem a convivência intergeracional também são um caminho para tornar as cidades mais democráticas e as trocas interpessoais mais enriquecedoras. Sobre isso, Salgado (1989) discorre sobre o preconceito etário e pontua algumas maneiras de combatê-lo. Conforme o autor, é necessário aumentar a convivência entre as gerações, criando oportunidades para que idosos e crianças se envolvam em processos e se desenvolvam social e culturalmente através de políticas que integrem-os à sociedade e favoreçam sua autonomia.

Esse trabalho, portanto, busca ser uma possível resposta à problemática do distanciamento geracional que vivenciamos hoje. Para além de assistência médica e diretrizes projetuais acessíveis, é necessário solucionar o isolamento social que pauta as relações sociais e a velhice. Valorizar a experiência do idoso em um espaço, bem como fomentar, através da arquitetura, a convivência entre diferentes faixas etárias pode ser um bom caminho para a transformação de nossas relações. É imprescindível pensarmos na maneira como queremos envelhecer e experimentar nossa velhice, afinal, um dia todos nós seremos velhos.

“Quando somos pequenos nos perguntam o que queremos ser quando crescer e, quando somos idosos, nos perguntam o que nós fomos quando mais jovens.”

— PAULO SALLES DE OLIVEIRA

## O QUE NOS CONTAM OS DADOS

A demografia é responsável pelo estudo das populações humanas através de análises estatísticas. Essa ciência é importante para que, com base em estudos das dinâmicas populacionais, seja possível desenvolver e implantar políticas públicas coerentes com as demandas de cada população, levando em consideração questões não só quantitativas, mas também qualitativas de um local. A partir da virada do século XVIII para o XIX, segundo Featherstone (1998), os nascimentos e as mortes passaram a ser registrados cuidadosamente, facilitando a determinação de um perfil de vida e uma formação cronológica de seu curso.

No Brasil, de acordo com a Síntese dos Indicadores Sociais realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2016, os dados demográficos apontam para o envelhecimento da nossa população — fato que corresponde ao aumento da participação de idosos e a consequente redução dos demais grupos etários. Dado o cenário em que nos encontramos, é urgente reconhecermos e absorvermos o papel social do velho na nossa sociedade, de modo a criar políticas públicas que encarem de frente as demandas dessa classe crescente.

Segundo Simões (2016), em seu estudo sobre Relações entre as Alterações Históricas na Dinâmica Demográfica Brasileira e os Impactos Decorrentes do Processo de Envelhecimento da População publicado pelo IBGE, até as décadas de 1940 e 1950 o Brasil apresentava um padrão demográfico estável e de caráter secular: os níveis de fecundidade e mortalidade mantinham-se elevados e o comportamento reprodutivo da família brasileira caracterizava-se por uma concepção numerosa, típica de sociedades precariamente urbanizadas e industrializadas. A partir da década de 1960, por conta da expressiva queda da taxa de fecundidade, o Brasil passou por uma transformação significativa em seu padrão demográfico com a redução da taxa de crescimento populacional e a alteração na sua estrutura etária.

Os dados disponibilizados pelo IBGE na Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida do Brasileiro em 2016 nos mostram que a tendência é que ocorra uma intensificação do envelhecimento da população idosa brasileira. Se antes a porcentagem de idosos no país era parecida com a de outros países em desenvolvimento, a tendência é que essa porcentagem dispare e até ultrapasse a de países desenvolvidos (F.02). Além disso, as pirâmides etárias evidenciam essa tendência e apontam para uma composição etária mais equilibrada do que a observada há décadas — mais ainda, o Brasil, ao que tudo indica, deixará de ser composto majoritariamente por jovens e, até 2060, a projeção é que os idosos sejam mais de um quarto da população, ocorrendo uma inversão na pirâmide etária (F.01).

Salgado (1998) afirma que alguns fatores que influenciam nesse processo são a queda da natalidade, o declínio da mortalidade e o aumento da expectativa de vida. O que se conclui é que aspectos como o desenvolvimento de tecnologias de saúde, a vacinação em massa da população, a disseminação dos antibióticos, o saneamento básico e a maior facilidade de acesso ao anticoncepcional podem ter influenciado no desenvolvimento desse cenário.

A mudança profunda na estrutura etária do Brasil vem acompanhada da necessidade de uma reavaliação na maneira como o velho é visto na sociedade. Os números e tendências apontam para a necessidade de criação de políticas voltadas para a população idosa, bem como estratégias interdisciplinares que acolham e valorizem o velho, estimulando trocas intergeracionais e promovendo seus direitos. Sobre isso, Debert (1999) fala sobre a necessidade de se haver uma solidariedade pública entre as gerações, processo no qual a gestão da velhice é progressivamente socializada — o que antes era uma questão da esfera familiar, de previdência individual ou de associações filantrópicas, passa (e deve) ser uma questão de responsabilidade também pública.

### BRASIL DE 2022



A Expectativa de Vida ao Nascer ( $e_0$ ) é de 77,19 anos. A estimativa é que em 2060 esse número passe a ser de 81,04 anos.

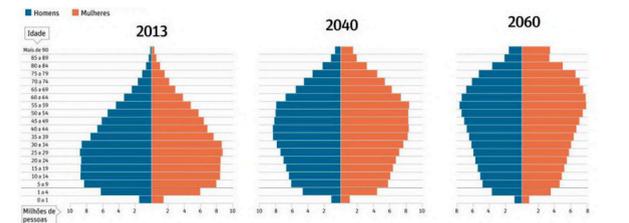
A Taxa de Fecundidade Total (TFT) é de 1,75 filhos por mulher. Nos anos 1960, a média era de 6 filhos por mulher.

O Índice de Envelhecimento (IE) é de 51,22. Isso significa que, para cada 100 pessoas menores de 15 anos de idade, existem mais de 50 com 60 anos ou mais. A tendência é que o IE chegue em 173,47 em 2060.

O número de óbitos de menores de 1 ano de idade por mil nascidos vivos, ou seja, a Taxa de Mortalidade Infantil (TMI), está em 10,88. Em 2060 a previsão é que a TMI chegue em 6,91.

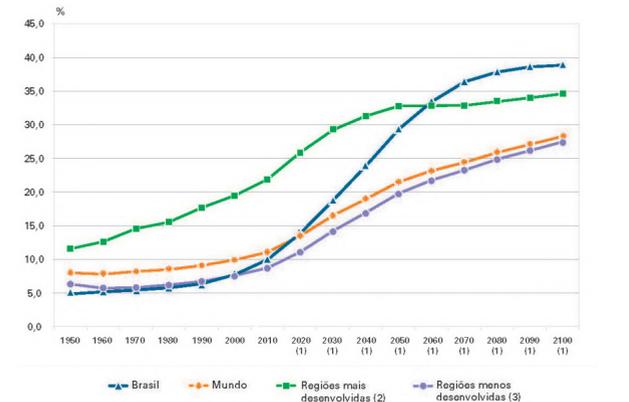
DADOS DO IBGE, 2022

### PIRÂMIDES ETÁRIAS ABSOLUTAS DO BRASIL



F01: Projeção da População por Sexo e Idade para o Brasil | IBGE, 2013

### PROPORÇÃO DE PESSOAS COM IDADE ≥ 60



F02: Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida | IBGE, 2016

## REINVINDICATIVOS, ATIVOS E PARTICIPATIVOS

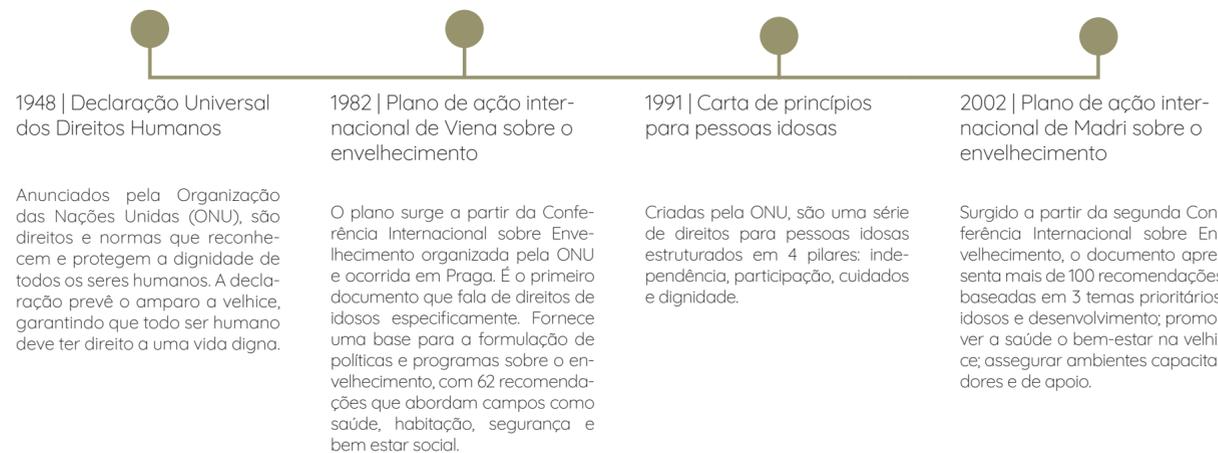
A sociedade ocidental, principalmente após a Revolução Industrial iniciada no século XVIII, desvalorizou o papel do idoso ao dar prioridade para a capacidade produtiva da mão de obra jovem (DIREITOS., 2022). A concepção negativa da velhice reforçou-se e, até o século XX, os velhos vivenciaram uma precarização na sua condições de vida em razão de serem considerados improdutivos economicamente. Esse cenário só começou a ganhar novos ares em 1948, quando foram reconhecidos os direitos humanos de idosos, mesmo que de maneira incipiente.

No Brasil, a situação do velho e a garantia legal de seus direitos veio ainda mais tarde. Até os anos 1960, o Brasil era considerado um país jovem (IBGE, 2016) e existiam poucas ações que amparassem a população idosa, visto que eram um grupo etário pouco representativo. As ações, segundo Ferrigno (2017), eram isoladas e de caráter assistencialista. Havia parcas iniciativas preventivas, que visavam a valorização do idoso e as políticas eram realizadas principalmente no sentido de remediação dos problemas decorrentes de uma velhice pouco acolhida na sociedade.

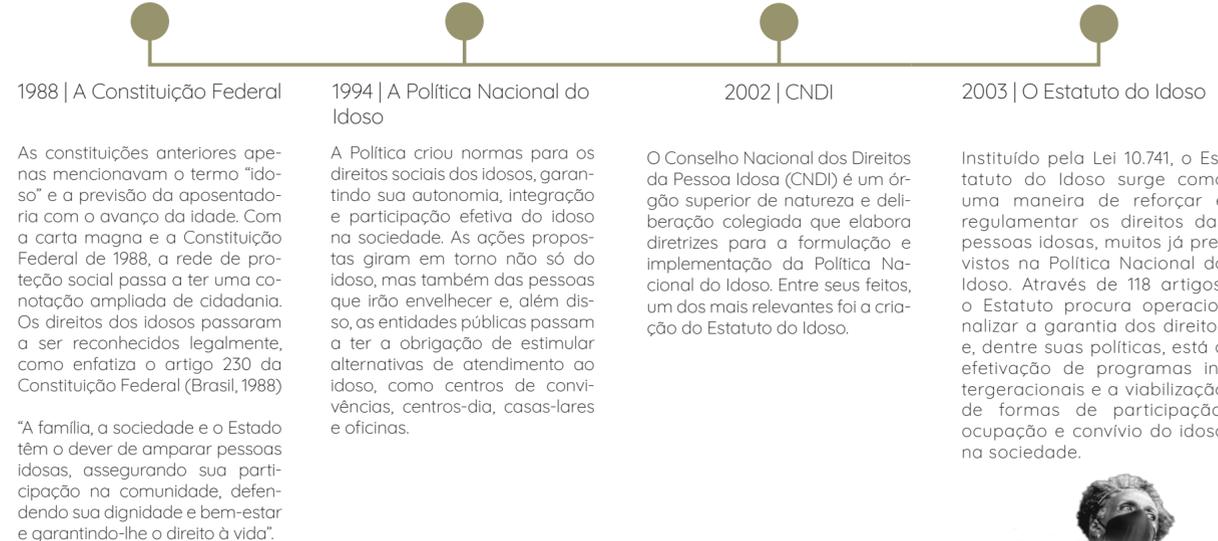
O cenário contemporâneo, no entanto, vem mudando. O notável crescimento demográfico dos idosos brasileiros trouxe visibilidade para a classe, reforçou seu peso eleitoral e aumentou sua participação política. Mais reivindicativos, os idosos tiveram conquistas importantes nas últimas décadas. Sobre isso, segundo Alcântara (2016), as assembleias da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o envelhecimento ocorridas em 1982 e 2002 foram fundamentais para organizar a legislação brasileira no que diz respeito aos direitos dos idosos.

É dever do Estado se organizar para atender às demandas dos velhos nos setores previdenciário, de saúde, de assistência social e de cultura. O que se observa, no entanto, é que as políticas de proteção aos idosos não são sempre colocadas em prática, fazendo com que sejam propostas cada vez mais legislações, tratados e documentos na tentativa de encontrar meios para garantir os direitos dos idosos. Segundo Silva (2003), o modelo neoliberal em que vivemos coloca em risco os direitos conquistados legalmente, arriscando transformá-los em letra morta. Assim, o Estado segue em dívida com os idosos, fazendo com que a responsabilidade sobre os velhos continue recaindo para esferas privadas e individuais. Hoje, por exemplo, existem muitas ações privadas que buscam a melhoria na qualidade de vida do idoso, mas falta apoio do governo para que as iniciativas sejam institucionalizadas e reforçadas.

### OS DIREITOS DOS IDOSOS NO MUNDO



### OS DIREITOS DOS IDOSOS NO BRASIL: MUITAS INICIATIVAS, POUCA CONTINUIDADE



## CUIDADOS DE LONGA DURAÇÃO

são uma gama de serviços que visam atender ao idoso, de maneira contínua, em suas necessidades de moradia, alimentação, saúde, convivência familiar e comunitária, garantindo assim um envelhecimento com dignidade (ALVES; RIBEIRO, 2015).

Hoje existem no Brasil algumas opções de cuidados de longa duração, ainda que as iniciativas sejam incipientes e abranjam um número reduzido de idosos. Camarano e Mello (2010) falam sobre alguns deles, que vão desde cuidados mais intensivos até modalidades mais brandas e estão expostos na tabela abaixo. Os cuidados de longa duração, além de apoiar idosos em seus diferentes graus de dependência, também servem de apoio às famílias e reforçam a ideia de que o amparo à velhice não precisa ser de responsabilidade exclusivamente familiar.

Ainda, Camarano e Mello (2010) apontam que, para além de equipamentos e instituições públicas que amparem os velhos, serviços como visitas domiciliares aos idosos e benefícios financeiros para seus cuidadores podem ser boas opções no âmbito de cuidados com a velhice na medida em que possibilitam o "envelhecer em sua própria casa" e dão amparo as famílias de pessoas idosas.

#### modalidades de cuidados de longa duração

cuidado intensivo	hospitalização
cuidados menos intensivos	residências temporárias, ILPIs (atendimento integral institucional, casa-lar, habitação compartilhada, entre outros)
comunitários	centros de convivência; centros-dia; visitas domiciliares; ajuda doméstica; oficinas abrigadas de trabalho
apoio familiar	benefícios financeiros para cuidadores; grupos de apoio para cuidadores

Adaptado de Cuidados de Longa Duração para a População Idosa: um novo risco social a ser assumido? | Ana Amélia Camarano e Juliana Leitão e Mello, 2010.

ILPIs, (ou moradias para idosos)



No Brasil, ainda não existe um consenso acerca do conceito de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), mas nesse trabalho considerei a definição trazida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa): instituições de caráter residencial, destinadas ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar e em condições de liberdade, dignidade e cidadania.

A Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994) aponta boas modalidades de cuidado de longa duração alternativas às moradias para idosos, entre elas:

centros-dia



Centros-dia são uma opção interessante para famílias que não possuem disponibilidade de cuidar de seus idosos durante o dia (ou parte dele). São unidades públicas destinada ao atendimento especializado a pessoas idosas e a pessoas com deficiência que tenham algum grau de dependência de cuidados.

centros de convivência para idosos



São locais que oferecem atividades que contribuem no processo de envelhecimento saudável, no fortalecimento de vínculos, no desenvolvimento da autonomia, no convívio comunitário e na prevenção de situações de riscos sociais para idosos. São desenvolvidas atividades físicas, laborativas, recreativas, culturais, associativas e de educação para a cidadania para idosos independentes.

## SOBRE AS MORADIAS PARA IDOSOS afinal, elas podem ser uma boa opção?

A Constituição Federal (BRASIL, 1988), a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994) e o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) estabelecem que os programas de amparo aos idosos devem ser executados preferencialmente em seus próprios lares. Camarano e Mello (2010) apontam que, dentre outros fatores, essa legislação é fruto dos preconceitos com relação ao cuidado institucional e resulta no seu reforço. Sobre isso, Burlá et al. (2010) trazem um questionamento: como a sociedade atual, pautada por valores de liberdade e autonomia, atende às demandas dos idosos que não envelheceram com saúde, que possuem dificuldades financeiras ou que não se sentem seguros morando sozinhos?

Os mecanismos que trabalham para acolher a velhice frágil e dependente ainda são incipientes no Brasil. A estruturação desse modelo que coloca a família como responsável principal pelo cuidado do idoso é precária, visto que possui baixo apoio e orientação do Estado e os programas de cuidado formal domiciliar são raros, embora previstos por lei (CAMARANO; MELLO, 2010). Somado a isso, as soluções encontradas pelos familiares envolvem altos custos financeiros e uma sobrecarga emocional que, não raro, afeta o próprio idoso, que acaba se assumindo como “um peso” ou um “rejeitado” (SCHARFSTEIN, 2006).

Camarano e Mello (2010) apontam alguns dos fatores que tornaram o cuidado familiar um recurso escasso: o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, o declínio da fecundidade, as mudanças nos padrões de nupcialidade e os movimentos migratórios. Pensar em novos modelos ou repensar os existentes, é, portanto, urgente. Cristophe e Camarano (2010) nos lembram que essa crença arraigada de que o cuidado com o idoso é responsabilidade familiar – somada ao preconceito com as moradias para idosos – faz com que as famílias só as busquem em última instância, quando suas possibilidades de cuidar estão esgotadas. Mais que isso, levar seus idosos para residir em instituições desse tipo costuma vir acompanhado por sentimentos de culpa e fracasso por parte dos familiares. O tema é complexo e desconfortável na medida em que não só nos remete à problemática do envelhecimento frágil e dependente, como também questiona a crença do imaginário cultural brasileiro de que a família é o lócus ideal para os cuidados aos seus velhos (BURLÁ et. al, 2010).

O preconceito com as ILPI encontra uma série de razões apontadas por Cristophe e Camarano (2010). A história da institucionalização de idosos começou como uma prática assistencialista, resultado da pobreza individual e familiar do idoso – o “asilo” cristalizou-se como sinônimo de instituição de velhos pobres. Além disso, há uma crença de que essas instituições são um espaço social fechado, com regras minuciosas que limitam e homogeneizam as atividades de seus moradores, ceifando-os de sua individualidade. Ainda, os preconceitos passam pela falsa ideia de que essas moradias são sinônimo de abandono, ruptura de laços sociais e, em muitos casos, finitude da vida. Nesse sentido, dada a pouca atuação do Estado brasileiro no tocante à oferta dessa modalidade de serviços, a responsabilização da família para essa tarefa e a sua culpabilidade, no caso de omissão, cumprem um papel (seja intencional não) de reduzir a demanda efetiva por serviços públicos (CRISTOPHE; CAMARANO, 2010).

Não há consenso entre os especialistas sobre as vantagens ou desvantagens do cuidado institucional. Acredita-se que estas dependem das necessidades e vontades do idoso e de suas famílias e da qualidade do espaço e dos cuidados encontrados nas moradias. O pertencimento a uma instituição pode representar uma alternativa de amparo, proteção e segurança e significar uma vida organizada, com a renovação de laços sociais. Não quer

dizer, necessariamente, uma redução da importância da família e o rompimento de vínculo, podendo ser uma nova divisão de responsabilidade entre a esfera privada e a pública. Ainda, a moradia em uma instituição pode ampliar o leque de participação do idoso na vida social, fator importante para o reforço da autonomia e adiamento da aparição de fragilidades na velhice. (CAMARANO; SCHARFSTEIN, 2010).

As moradias para idosos podem ser, portanto, uma opção válida para velhos e suas famílias, desde que sejam bem estruturadas, conduzidas por profissionais capacitados e sediadas em espaços apropriados. Mais que isso, é preciso repensar os modelos existentes e pensar em moradias que consideram as necessidades individuais de cada pessoa. Ainda, projetar espaços adequados para receber mais de uma modalidade de cuidado de longa permanência pode ser positivo para a integração comunitária dos velhos e amplia os horizontes das políticas que podem ser efetivadas no país.



## PARA ONDE PODEMOS CAMINHAR?

12\_ envelhecimento ativo e cidade amiga do idoso

13\_ prática intergeracional e coeducação entre gerações

14\_ a coeducação através do lazer

15\_ locais mais confortáveis, receptivos e gentis

16\_ experiências intergeracionais

17\_ referências projetuais

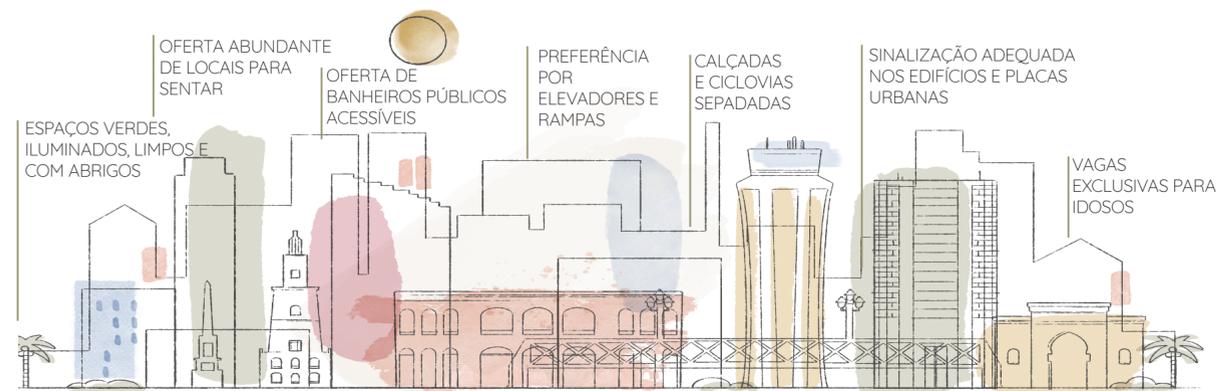
## ENVELHECIMENTO ATIVO

Nem sempre o envelhecimento vem acompanhado de qualidade de vida. Com isso em mente, a Unidade de Envelhecimento e Curso de Vida da OMS desenvolveu em 2005 uma política denominada Envelhecimento Ativo. O documento busca formular planos de ação que auxiliam as pessoas a permanecerem autônomas, saudáveis e participativas em todas as suas etapas de vida. Assim, a política otimiza oportunidades nos campos de saúde, participação e segurança.

Segundo a OMS (2005), o bem-estar físico, mental e social de indivíduos e grupos, bem como sua participação contínua em questões sociais, econômicas e culturais, são fatores determinantes para a abordagem do envelhecimento ativo. Assim, campos da saúde, fatores sociais e comportamentais e o espaço físico fazem parte das diretrizes da política.

Ainda, uma abordagem interessante para o processo de envelhecimento considera dois aspectos: é coletiva, na medida em que envolve a sociedade inteira; é duradoura, já que devemos nos preparar para a velhice desde pequenos – tanto física quanto mentalmente. Nesse sentido, espaços que acolhem o idoso e estimulam a convivência entre diferentes gerações são um bom meio de fomentar o envelhecimento ativo.

Uma cidade que estimula o envelhecimento ativo ao otimizar oportunidades para saúde, participação e segurança de modo a aumentar a qualidade de vida à medida em que as pessoas envelhecem é uma **Cidade Amiga do Idoso**.



F03: Algumas diretrizes mencionadas no Guia da Cidade Amiga do Idoso.

## CIDADE AMIGA DO IDOSO

O Guia Global Cidade Amiga do Idoso, publicado em 2008 pela OMS, ouviu grupos de idosos em 33 cidades do mundo a fim de criar diretrizes para o desenvolvimento de espaços que transformem a experiência do idoso na cidade. Por contar com a participação de velhos em sua elaboração, é interessante consultar esse guia como ponto de partida sempre que se pensa em projetos arquitetônicos e urbanísticos. Para sua elaboração, os entrevistados receberam questionamentos como: Quais são as características amigáveis aos idosos na cidade em que vivem? O que falta na cidade para melhorar sua saúde, participação e segurança? Quais são os problemas encontrados?

Foram analisados quesitos relacionados à transporte; moradia; participação social; respeito e inclusão social; participação cívica e emprego; comunicação e informação; apoio comunitário e serviços de saúde e, por fim, espaços abertos e prédios. Com base nisso, foi desenvolvido um checklist das principais características de uma Cidade Amiga do Idoso para cada uma das supracitadas áreas da vida urbana.

No que diz respeito à construção de espaços, alguns encaminhamentos podem ser tomados como diretrizes iniciais no desenvolvimento de locais mais acolhedores às necessidades dos idosos. De maneira geral, o Desenho Universal deve ser um dos principais nortes quando se pensa nos ambientes. Ainda, vale lembrar, esses apontamentos beneficiam, direta ou indiretamente, outras faixas etárias na medida em que melhoram a acessibilidade, a segurança e o acesso à serviço para todos.

O guia ainda explicita a importância de proporcionar o fácil acesso do idoso à atividades comunitárias, sociais, educacionais e de lazer, contribuindo para a conexão entre o velho e a comunidade. Além disso, estimula que as edificações sejam compartilhadas por diferentes pessoas, de diferentes idades e que sejam utilizadas para diferentes fins, estimulando a integração entre os diversos usuários. Outro apontamento é a importância de se prover moradia gratuita ou de baixo custo para idosos. É importante garantir que os idosos sintam-se seguros onde habitam, com projetos que facilitam sua integração na comunidade e propiciam o sucesso de suas relações interpessoais.

## PRÁTICA INTERGERACIONAL E COEDUCAÇÃO ENTRE GERAÇÕES

A intergeracionalidade deve ser pensada como a relação entre universos culturais com peculiaridades oferecidas por momentos históricos específicos e compartilhados por um grupo (Ferrigno, 2017). É natural que, dada as múltiplas diferenças entre as faixas etárias e a pouca convivência experimentadas ao longo dos anos, essas relações sejam pautadas por conflitos e antagonismos. Os valores, vivências, contextos, ritmos e costumes são diferentes e, enquanto não for desenvolvido um sentimento de solidariedade entre as gerações, essas divergências podem ser um dificultador nas relações intergeracionais.

Sobre esses embates entre as gerações, Ferrigno (2017) ainda afirma que elas podem ser desdobramentos de conflitos mais gerais, ou seja, devemos analisar as relações intergeracionais sob a influência de outros recortes, tendo em vista que as relações entre faixas etárias distintas muitas vezes variam de acordo com conflitos mais gerais, como o de classe. Mais que isso, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2005), a idade avançada muitas vezes exacerba outras desigualdades pré-existentes – as iniquidades de acesso à educação, emprego, cultura e saúde experimentadas na juventude estão relacionadas ao bem estar da pessoa idosa no futuro. O que se pode concluir, segundo Ferrigno (2017), é que através do conflito etário temos a possibilidade de levantar o véu que recobre problemas estruturais da nossa sociedade.

Além disso, encarar esse conflito geracional é necessário para melhorarmos nossas relações com outras faixas etárias e encararmos a velhice como uma realidade inevitável, natural e até mesmo satisfatória. Apesar de temido, o conflito não só é inerente ao ser humano como é algo necessário ao desenvolvimento: negar sua existência pode encobrir realidades que precisam ser encaradas. Para Ferrigno (2017), o conflito deve ser uma mola propulsora para o diálogo e a troca, revertendo-o em transformação – dessa maneira, é necessário reconhecer as diferenças existentes entre as gerações e explicitá-las de forma que elas possam ser compreendidas, trabalhadas, aceitas e até mesmo apreciadas. Com base nisso, dar condições para que diferentes gerações convivam, discutam, discordem e dialoguem pode ser um bom início para uma melhora dos relacionamentos intergeracionais.

Assim, pode-se dizer que a prática intergeracional e os contatos envolvidos podem gerar aprendizados e resultar em um processo de coeducação entre gerações. Nesse sentido, a qualidade e a natureza das relações são determinantes: devem ser bem implantadas e mediadas, desenvolvidas sob uma ótica de igualitarismo entre as gerações. Sobre isso, Oliveira (1999)

fala da importância de que os envolvidos estejam predispostos a aceitar as peculiaridades que marcam diferentes grupos etários: mais do que tolerar, deve-se buscar relações igualitárias que acatem as diferenças. É, portanto, através da percepção do outro como diferente que podemos enxergar as possibilidades que esse outro sugere para nossa mudança.

A convivência intergeracional traz, segundo Ferrigno (2017) benefícios para todos os participantes, na medida em que sentimentos como compreensão, conhecimento e afeto mútuos são despertados. Nesse processo, uma visão mais realista sobre as demais gerações é construída e, com menos preconceitos e generalizações nas mais diversas direções, a luta contra a segregação etária e relações sociais mais ricas são favorecidas. Freire (1987) aponta para a necessidade de uma educação pautada em relações recíprocas e dialógicas. Nesse sentido, é possível estender essa lógica educacional para a coeducação intergeracional já que, inclusive, seu próprio nome pressupõe a importância de um trabalho compartilhado e pautado em relações igualitárias.

O que podem, portanto, os velhos ensinar para os mais jovens e vice-versa? De maneira geral, é possível apontar alguns aprendizados nesse processo. Bosi (1979) reforça a importância do papel do velho no reviver do que e de quem se perdeu, de histórias e de tradições. Os velhos transmitem experiências e, segundo ela, esse poder de revivência arranca do que passou o caráter transitório e transforma-o em parte do presente. Esse processo ajuda na criação de uma consciência coletiva e de um conhecimento mais profundo em relação ao passado.

Os velhos, dessa maneira, podem ser vistos como veículos do patrimônio imaterial de sua época. Segundo Ferrigno (2017), eles podem contar histórias da família, da cidade e do país e dar aos jovens a oportunidade de conhecer suas origens e apropriar-se da cultura. Além disso, os idosos podem reparar aos mais jovens valores éticos, saberes práticos, bem como informações e modelos de como encarar assuntos como a velhice e a morte.

A reciprocidade é evidenciada na medida em que os mais jovens também ensinam aos mais velhos. Além de ensinamentos ligados ao manejo de novas tecnologias que pautam o cotidiano de nossa sociedade, jovens também podem ensinar sobre dinâmicas de comportamentos sociais, dando aos mais velhos uma educação para a contemporaneidade: temas ligados ao feminismo ou à luta LGBTQIA+ podem ser ressignificados pelos idosos na medida em que os jovens ensinam “novos” valores morais.

A coeducação entre gerações deve ser um dos objetivos das práticas intergeracionais, já que a relação pode trazer aprendizados para os envolvidos.

Além disso, **a convivência pode ajudar na diminuição do preconceito e no desenvolvimento de um sentimento de solidariedade e empatia entre as gerações**. Para Ferrigno (2017), integrar o idoso ao convívio social através da aproximação com os jovens é uma forma de barrar o isolamento e o distanciamento entre as gerações. O desafio, portanto, é estabelecer condições para que essas relações ocorram da melhor maneira possível e seu sucesso depende de fatores que passam pela capacitação de profissionais, adequação dos espaços e predisposição do público alvo.

“Ela me ensinou um jeito mais aberto de encarar a vida. Como ela é jovem, ela vê as coisas de um jeito diferente. A gente, que é mais antiga, é mais careta (ri) em certos assuntos, como sexo, namoro, casamento, por exemplo. E eu acho que o idoso tem que estar aberto para essas coisas, porque o mundo vai mudando e a gente tem que acompanhar.”

— MARIANA, 72 ANOS

“No começo eu pensava: ‘Ah... será que vai dar certo?’ [...] Mas, aí, no final... eu acho que eles ensinaram muita coisa pra gente, porque, às vezes, a gente fica só naquela brincadeira... não leva muito a sério... e eles ensinaram a gente a ter um pouco de responsabilidade, né?”

— DANIELA, 16 ANOS

“Nas conversas durante os intervalos das atividades, a gente ouve histórias de uma época distante. [...] A gente aprende muito sobre a nossa própria história. Eles gostam e falam do Getúlio, do Juscelino, da moda de antigamente... alguns lembram coisas da Segunda Guerra Mundial...”

— CLARICE, 43 ANOS

Trechos de entrevistas sobre as experiências no SESC Gerações retiradas do livro Coeducação Entre Gerações | Ferrigno, 2006

## A COEDUCAÇÃO ATRAVÉS DO LAZER

Em sociedades como a nossa, culturalmente voltadas para o trabalho, o lazer fica em segundo plano, apesar de ser uma necessidade e um direito social de todos, assegurado pela Constituição Federal (BRASIL, 1988). Através do lazer, conseguimos compartilhar saberes e emoções, enriquecer nossas experiências e potencializar nossa rede de sociabilidade — mais ainda, entendido em suas diversas dimensões e significados pessoais e coletivos, ele nos leva à mudança, ao questionamento e à inserção social (FERRIGO, 2017).

“O lazer é um fator de humanização da cidade, do trabalho e das relações sociais. Nesse sentido, a universalização dos ambientes de lazer, acessíveis a todos os segmentos sociais de acordo com suas características, costumes, tradições e necessidades — é que fazem da função lazer uma função social” (GARCIAS; BERNARDI, 2008, p.12). Assim, reconhecida sua importância, é essencial que se criem oportunidades e possibilidades para todos os grupos sociais, de modo a integrá-los.

Ainda, o lazer pode contribuir para a emergência de uma força social capaz de aproximar as idades, de desenvolver novas formas de troca entre gerações e, inclusive, enriquecê-las (ATTIAS-DONFUNT, 1980, apud FERRIGNO, 2017). Nessa lógica, Ferrigno (2017) nos lembra que Centros de Convivência e Lazer que oferecem atividades para um público de idade diversificada são locais propícios para o encontro de gerações e, mesmo que de maneira isolada e incipiente, para a atenuação da segregação etária.

Portanto, conforme aponta Ferrigno (2017), os Centros de Convivência e Lazer Intergeracionais podem funcionar como instituições de educação não formal, possibilitando que ocorram ricos processos de aprendizado através de diversas atividades, sejam elas lúdicas, culturais, artísticas ou esportivas. Além disso, esses centros são locais promissores no que diz respeito aos processos de coeducação entre gerações, já que o lazer apresenta-se como um ponto de interesse comum entre as gerações, o que facilita sua aproximação e criação de vínculos.

Ferrigno (2017) aponta que o Inep descreve a educação não formal como uma atividade ou programa organizado fora do sistema regular de educação formal. É uma forma de educar que atende pessoas de qualquer idade e não se prende a uma sequência gradual, já que não leva a graus ou títulos no final. Um programa intergeracional de lazer educativo é, portanto, uma forma de educação não formal que, conforme Ferrigno (2017), além de promover o encontro entre faixas etárias distintas, ainda possibilita a expansão do universo cognitivo de todos os envolvidos.

Podemos ainda ir além quando pensamos em Centros de Convivência e Lazer Intergeracional. Além da educação não formal, promovida pela instituição e mediada por profissionais, o Inep também reconhece a educação informal como importante na atividade educacional como um todo e a descreve como um processo não sistemático que ocorre no cotidiano das relações interpessoais. Assim, Ferrigno (2017) chama atenção para as trocas espontâneas de conhecimento entre as gerações, que acontecem nos espaços comuns, fora das atividades sistematizadas.

Os Programas de Convivência e Lazer Intergeracionais, portanto, delineiam uma possibilidade de aprendizagem através do lazer. Para Ferrigno (2017), mais do que um processo recreativo, o lazer é uma estratégia de aproximação educativa e resulta em um processo de coeducação intergeracional. O autor ainda afirma que não vamos salvar o mundo, emancipar idosos e resolver problemas socioeconômicos que abatem todas as faixas etárias com apenas boas políticas de lazer: o processo é longo e as ações devem ser feitas em várias frentes. Cabem a assistentes sociais, psicólogos e profissionais capacitados desenvolver eficientes programas intergeracionais; cabem aos arquitetos e urbanistas conceber locais com qualidade espacial para que o processo de coeducação seja facilitado através de uma concepção adequada do espaço.

“Nós temos com a escola aqui do bairro o projeto Café com os Avós. Geralmente fazemos gincaninhas. desenhamos, jogamos jogos de tabuleiro, apresentamos teatro, brincamos de brincadeiras de quando eu era criança, sabe... Agora na pandemia, os alunos fizeram em casa desenhos, recadinhos dizendo que estavam com saudade dos vovôs e das vovós do bairro e eu sai distribuindo casa por casa esses papezinhos... Não tivemos atividades lúdicas, como seria o ideal, mas cada um se divertiu do seu jeito na sua casa”

— LUIZ, 67 ANOS

Trecho de entrevista feita com idosos participantes de Grupos de Convivência vinculados ao Floripa Terceira Idade

“Acho que é mais difícil nessas atividades culturais, de teatro, de música, envolvendo criança e idoso, surgir conflito porque as pessoas estão mais felizes, estão se divertindo, escolheram estar ali.”

— MARIA, 68 ANOS

Trecho de entrevistas sobre as experiências no SESC retiradas do livro Conflito e Cooperação Entre Gerações | Ferrigno, 2013

“Há uma troca de experiência, porque ali não é só o professor, eu também dou ensinamentos nas coisas que eu sei. [...] eu mexo com artesanato; então, já ensinei alguma coisa para as minhas colegas e até para uma monitora do SESC. Quer dizer, aí há uma troca de experiência e há um enriquecimento maior na vida da gente. A gente se torna mais rico em experiência.”

— VILMA, 76 ANOS

Trechos de entrevistas sobre as experiências no SESC Gerações retiradas do livro Coeducação Entre Gerações | Ferrigno, 2006

“Eu acho que se a gente não tiver esse tipo de atividade e de relacionamento, eu vejo que seria o que eu assisti nos meus antepassados. Chegando na base dos 60 anos, o o homem é o banco de jardim da praça embaixo de uma árvore, esperando o tempo passar pra morte chegar. E a avó é o crochê numa cadeira de balanço.”

— LÍGIA, 69 ANOS

Trechos de entrevistas sobre as experiências no SESC Gerações retiradas do livro Coeducação Entre Gerações | Ferrigno, 2006

“Os idosos frequentemente dizem: ‘Olha, eu tomava muitos remédios, era depressiva, sentia falta de atividades prazerosas, de descobrir meu potencial’. São depoimentos de reconquista de qualidade de vida, física e psíquica em função das atividades do SESC e são inúmeros.”

— PROFESSORA SOFIA, 38 ANOS

Trechos de entrevistas sobre as experiências no SESC Gerações retiradas do livro Coeducação Entre Gerações | Ferrigno, 2006

## locais mais confortáveis, receptivos e gentis

O campo da psicologia ambiental estuda as relações das pessoas com as condições ambientais que as circundam, buscando entender como o meio — objetiva ou subjetivamente — pode influenciar nas capacidades cognitivas e nas vivências humanas. Como seres humanos, estamos sempre nos adaptando ao ambiente em que vivemos e aos desafios e demandas que ele nos impõe. Na medida em que envelhecemos, enfrentamos processos de perdas cognitivo-motoras e o ambiente passa a nos influenciar de maneira diferente. Nesse sentido, Günther e Elali (2018) contam que, ao longo do tempo, as pessoas e as demandas se modificam e, quando há desequilíbrio entre esses dois aspectos, a pessoa tende a não se adaptar ao ambiente e experimentar afeto negativo perante ele. Pensando nisso, a partir da década de 1960, Paul Lawton e sua equipe desenvolveram a hipótese de docilidade ambiental. Para tanto, iniciaram seus estudos no Centro Geriátrico da Filadélfia e basearam-se na população idosa.

O termo docilidade remete à noção daquilo que é dócil, ou seja, que aprende com facilidade, que se submete à algo sem resistên- cia e que tem a capacidade de ajustar-se (ALBUQUERQUE et al., 2018). A docilidade ambiental, portanto, estuda a relação entre a capacidade pessoal (como cognição, percepção e habilidades motoras) e as demandas ambientais, que, relacionadas, resultam em respostas emocionais e comportamentos adaptativos das pessoas. Indo além, os estudos de Lawton estabelecem que um ambiente dócil é aquele que potencializa as capacidades individuais e adequa-se às habilidades das pessoas, permitindo que cada um atue em sua melhor zona de desempenho. São, portanto, locais confortáveis, receptivos e gentis às necessidades de cada um.

Segundo Günther e Elali (2018), a hipótese da docilidade ambiental estabelece que as variações nas demandas ambientais influenciam com mais força o comportamento das pessoas que possuem menos habilidades. Nesse sentido — considerando as limitações físicas, motoras e cognitivas atreladas à velhice — , entende-se que aspectos do ambiente interferem intensamente na qualidade de vida da pessoa idosa. Fatores como temperaturas extremas, barreiras físicas, violência ou arranjos espaciais inseguros exigem do velho uma série de comportamentos adaptativos que, em muitos casos, ele não se sente apto ou estimulado a desenvolver (AMANCIO; HIGUCHI, 2018). Além disso, fatores mais subjetivos do ambiente, como características culturais e sociopolíticas, ou até mesmo a convivência interpessoal e existência (ou não) de uma rede de apoio também podem transformar a experiência do idoso no espaço.

Apesar de ter sido inicialmente desenvolvido com base no envelhecimento e de fazer bastante sentido para essa etapa da vida, Günther e Elali (2018) afirmam que o conceito de docilidade ambiental possui relevância para todas as idades, sobretudo na infância. As habilidades e necessidades individuais inerentes ao desenvolvimento humano se modificam com o tempo e, para Pinheiro e Elali (apud CAMPOS DE CARVALHO;ELALI, 2019), estender a hipótese da docilidade ambiental para outras faixas etárias é reforçar a importância das relações pessoa-ambiente para o desenvolvimento humano, na medida em que ressalta mudanças que são continuamente traduzidas pelo comportamento das pessoas no ambiente físico e social. Nesse sentido, a hipótese da docilidade ambiental foi estudada em contextos de ambiente acadêmico (LIMA et al., 2021), ambientes laborais (GÜNTHER; ELALI, 2018) e até mesmo em parques infantis (GÜNTHER E ELALI, 2018).

A docilidade ambiental, no entanto, não deve ser entendida como uma “esterilização” do ambiente ou falta de desafios. Demandas ambientais percebidas como muito fracas também tendem a desencadear afeto negativo e gerar menos efetividade no comportamento adaptativo das pessoas (Günther e Elali, 2018). Nesse sentido, a proatividade ambiental é uma hipótese complementar à da docilidade. Proposta por Lawton e sua equipe nos anos 1990, ela afirma que as pessoas são ativas frente às restrições na competência impostas pelas demandas do ambiente. Assim, a tendência é que elas tentem modificar o meio (ou a forma de lidar com ele) para satisfazer suas necessidades. Pensando nisso, Günther e Elali (2018) relembram que os desafios podem sim ser bem vindos na concepção espacial, desde que não sejam excessivamente descompassados com as habilidades de cada um. Assim sendo, se bem dosados, eles podem funcionar como um estímulo e impulsionar o desenvolvimento individual.

## Recomendações de Regnier e Pynoos

Com base no conceito de docilidade ambiental, Regnier e Pynoos (apud Rojas, 2005) estabeleceram recomendações para ambientes que visam a qualidade de vida de idosos. São ações voltados ao espaço físico que podem ser aplicadas tanto em moradias, como em centros de convivência e outros tipos de instituição. Assim sendo, morteearei diretrizes, definições e estratégias projetuais apresentadas na Parte II desse trabalho com base nessas recomendações e nos estudos de Lawton e sua equipe, visto que a docilidade ambiental é um meio de se conceber espaços mais inclusivos, que fomentam a participação de todos e contribuem para um envelhecimento ativo.

### Recomendações de Regnier e Pynoos

- Assegurar privacidade;
- Dar oportunidades de interação social, através de um programa arquitetônico diverso;
- Dar oportunidades para exercício de controle pessoal, liberdade de escolha e autonomia;
- Facilitar a orientação espacial;
- Assegurar a segurança física;
- Facilitar o acesso a equipamentos da vida, do dia-a-dia;
- Propiciar um ambiente estimulador e desafiador;
- Facilitar a discriminação de estímulos visuais, táteis e olfativos, permitindo às pessoas se orientar;
- Incluir objetos e referências da história passada dos idosos, de modo a aumentar sua familiaridade com ele;
- Planejar ambientes, na medida do possível, bonitos e, quando se tratar de instituições, que não tenha a aparência de asilo;
- Dar oportunidade para personalização de objetos e locais;
- Tornar o ambiente flexível para o atendimento de novas necessidades.

## EXPERIÊNCIAS INTERGERACIONAIS

Recentes no Brasil, os Programas Intergeracionais são modelos de planejamento sociais de atividades continuadas que objetivam o intercâmbio de recursos e aprendizado entre gerações. No país, as primeiras ações datam da década de 1990, mas os Estados Unidos apresentam iniciativas nesse sentido desde os anos 1970. Além de novos, Ferrigno (2011) nos lembra que os programas intergeracionais brasileiros tendem a ser descontínuos e muitas iniciativas permanecem no anonimato. A carência de uma rede que facilite o intercâmbio de experiências e o desinteresse por parte do poder público e da população podem ser algumas das razões pelas quais os programas e iniciativas parecem ser isoladas e incipientes.

Abaixo, apresento algumas das experiências que se destacaram na minha pesquisa e considero relevantes. Através da compreensão das dinâmicas e das atividades que sucedem no âmbito de programas intergeracionais, é possível propor um espaço que acolha essas atividades e potencialize os benefícios dos programas pensados por profissionais competentes.

### Providence Mount St. Vincent

Localizada no oeste de Seattle (EUA), a Instituição Providence Mount St. Vincent (ou The Mount, como é chamada) reúne desde 1991, em uma mesma edificação, um lar de idosos e uma pré-escola, transformando-se em um palco de encontro entre gerações. São mais de 400 idosos e 125 crianças entre 0 e 5 anos ligadas à instituição.

A média de idade dos moradores da The Mount é de 92 anos e a idade avançada muitas vezes vem acompanhada de problemas de locomoção e doenças neurológicas degenerativas que os fazem necessitar de assistência considerável. A instituição, no entanto, busca não ter um caráter hospitalar — ao invés disso, são priorizadas as interações e um clima alegre. Nesse sentido, a convivência com as crianças faz parte do programa de cuidado com os idosos, já que os pequenos ajudam na socialização dos mais velhos.

A The Mount possui espaços separados para idosos e crianças, mas existem várias salas comuns no edifício, acessíveis aos idosos e com mobiliário adequado ao público infantil. Diariamente, as diferentes gerações participam de atividades intergeracionais planejadas pela instituição — danças, cantos, contação de histórias, conversas, refeições ou montagem de sanduíches. Além disso, idosos e crianças encontram-se nos espaços comuns espontaneamente, o que auxilia na criação de vínculos.

O programa arquitetônico é bastante completo e diversificado. A The Mount abriga salas de estar, de jantar, cafeterias, áreas de lazer, apartamentos com banheiros independentes, decoração que assemelha-se a de uma casa e permite que os moradores possam receber hóspedes. Além disso, filme *The Growing Season* (2017) mostra que a edificação oferece muitos serviços voltados aos idosos:

um centro de enfermagem, acupuntura, academia, sala de odontologia, centro de reabilitação (física, ocupacional e de fala), cozinha para terapia e terapia em horticultura, salão de beleza, barbearia, SPA, entre outros.

Assim, o ambiente da Providence Mount St. Vincent é propício para que ocorra um processo de coeducação entre gerações na medida em que profissionais capacitados mediam as interações e as crianças e idosos aprendem juntos a ser mais empáticos, pacientes e ativos.

### SESC Gerações

O SESC é referência no que diz respeito à atividades abertas a todas as idades — as iniciativas são muitas e datam dos anos 1970. Em 2003, no entanto, o SESC São Paulo inaugurou o programa SESC Gerações, que tem como foco a integração entre diferentes faixas etárias.

O programa consiste em atividades intergeracionais de convivência, cooperação e transformação, com o objetivo de viabilizar as relações sociais entre as diversas faixas etárias. O programa ocorre nas dependências do SESC e conta com diversas oficinas, encontros, rodas de conversa e palestras.

Desde a implementação do SESC Gerações, diversas atividades aconteceram na instituição no âmbito de educação não formal: concursos literários, oficinas de vídeo, conversas, aulas de computador e internet, oficinas de teatro, atividades lúdicas e esportivas, entre outros.

### Universidades Abertas para a Terceira Idade

Desde os anos 1980, diversas instituições brasileiras de Ensino Superior abriram espaço para cursos específicos voltados aos idosos nas chamadas Universidades da Terceira Idade. Geralmente, as aulas são exclusivas para os velhos, mas isso não retira a validade da experiência. Além do contato com os professores, que costumam ser jovens, idosos e universitários têm a oportunidade de compartilhar o mesmo espaço, o que pode resultar em trocas importantes.

A primeira Universidade Aberta Terceira Idade implementada no Brasil foi fundada em 1983. É o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), localizado em Florianópolis e com sede no campus da UFSC. São cerca de 500 idosos inscritos em 30 atividades que vão desde aulas de línguas a atividades físicas. Os cursos costumam ser ministrados em outros departamentos da Universidade, pois a sede não tem espaço suficiente para abrigar todas as atividades — o que acaba sendo vantajoso para as relações entre idosos e estudantes universitários. Frente à inadequação do espaço atual do NETI, já existe um projeto arquitetônico realizado através de um trabalho de conclusão de curso para uma nova sede: maior, acessível, com salas multiuso, um grande pátio coberto e localizado no centro da Universidade.



F04: Montagem de sanduíches na “The Mount”.



F05: Crianças e idosas brincam de ciranda no SESC.



F06: Aulas do NETI.

## REFERÊNCIAS PROJETUAIS

### Complexo social de alcabideche

**Localização:** Alcabideche, Portugal

**Ano:** 2012

**Escritório:** Guedes Cruz Arquitectos

**Área:** 9996m<sup>2</sup>

Surgido nos anos 1960 na Dinamarca, o conceito de cohousing foi criado por Jan Gudmand Hoyer. Nesse modelo de moradia, as habitações são privativas, mas os espaços de convivência são compartilhados entre os moradores. Essa é uma forma de morar que vem ganhando popularidade entre os idosos, visto que facilita a convivência entre os moradores e estimula o envelhecimento ativo.

Nos cohousings, os próprios moradores idealizam e administram os espaços — muitas vezes, inclusive, o projeto arquitetônico é realizado de maneira participativa entre arquitetos e os futuros moradores. Esses arranjos habitacionais são maneiras de preservar a autonomia e a individualidade de pessoas idosas, prevenindo também a imposição limitadora que caracteriza as instituições de longa permanência, marcadas — na maioria dos casos — por um significado vazio de lar (GHISLENI, 2022).

Em Portugal, o Complexo Social de Alcabideche é um equipamento de apoio para a velhice e um notável exemplo de cohousing. O complexo conta com 52 residências e uma edificação comum organizados a partir de uma malha regular de 7,5m x 7,5m. Suas ruas e jardins são uma extensão do interior das casas, fortalecendo as relações de vizinhança e conformando espaços de convivências e lazer entre as edificações. Os lotes não são pensados como propriedade individual dos moradores, mas sim como parte integrante de um complexo maior.

No edifício central encontram-se serviços de apoio para o funcionamento do complexo. As unidades habitacionais são compostas por quarto, banheiro e cozinha integrada com a sala — o destaque aqui fica a cobertura translúcida que cobre os apartamentos. Essas coberturas, no período noturno, acendem e iluminam as ruas, praças e jardins. Além disso, em caso de urgência, os moradores podem ativar um dispositivo que altera a cor da iluminação, tornando-a vermelha e indicando que a pessoa precisa de ajuda.

O que mais me chama a atenção nesse projeto e no conceito de cohousing, é a importância dada aos espaços de convivência. Busco, portanto, levar essa intenção projetual para o desenvolvimento da minha proposta arquitetônica. Com base nisso, crio estares compartilhados para a moradia de idosos — essa é uma maneira de fortalecer vínculos e estimular que os moradores desenvolvam relações de vizinhança. Além disso, a estrutura da moradia deve ser integrada ao restante do projeto, sem que hajam excessivas divisórias que a separe do restante do terreno: dessa maneira, também estimulo a vivência do idoso com a comunidade e com outras pessoas.



F07: Implantação do Complexo Social de Alcabideche.



F08: Os blocos habitacionais.



F09: A iluminação noturna.

## Lar de idosos peter hosegger

**Localização:** Graz, Áustria  
**Ano:** 2014  
**Escritórios:** Dietger Wissounig Architekten  
**Área:** 3024m<sup>2</sup>

Construído a partir de um antigo pavilhão, o lar de idosos possui dois pavimentos e chama atenção pela forma como os espaços são divididos. O projeto prevê oito habitações de pequenas “comunidades” (quatro por pavimento) organizadas em torno de um pátio central. No que diz respeito à sua implantação, a moradia está integrado ao parque público da cidade. Esse acesso favorece a integração dos velhos com o ambiente urbano e fomenta a convivência comunitária — fator que impulsiona o envelhecimento ativo e que busco implementar em minha proposta.

A disposição dos espaços destaca-se por conta de seus pátios, jardins, galerias, varandas, átrios e circulações externas que permeiam a edificação e proporcionam espaços ao ar livre para os moradores do lar: esse contato com o ambiente externo é uma diretriz projetual que busco implementar na minha proposta arquitetônica. Além disso, elementos volumétricos como as circulações externas e o átrio possibilitam que o espaço seja facilmente compreendido por seus usuários. Nesse sentido, o ambiente é dócil, visto que colabora para a orientação espacial por parte dos idosos. O cuidado da instituição perante à legibilidade do espaço fica evidenciado também através das cores: cada comunidade possui uma cor predominante. Nesse sentido, em minha proposta busco trazer estratégias que facilitem a experiência do idoso no espaço e favoreçam que seus usuários tenham clareza do espaço e orientem-se de forma intuitiva.

A forma como a moradia foi projetado permite que ela tenha um caráter familiar, que estimula as relações de vizinhança entre seus moradores. Além disso, o projeto também rompe com as características usuais e caráter hospitalar de uma moradia de idosos. Assim sendo, o Lar de Idosos Peter Hosegger é também uma referência para minha futura proposta, visto que buscarei fomentar o estabelecimento de novos laços afetivos entre os moradores.



F10: Espaços externos e circulações.



F11: O conjunto externamente.



F12: Planta Baixa | Térreo.



F13: Planta Baixa | Pavimento superior.

## residencial geriátrico george w. davis

**Localização:** São Francisco, Estados Unidos  
**Ano:** 2016  
**Escritório:** David Backer Architects  
**Área:** 1300m<sup>2</sup>

Camarano e Mello (2010) relatam que abrigar mais de uma modalidade de cuidado de longa duração em uma mesma instituição é uma boa estratégia para cuidar de pessoas idosas: diversificam os usos e, conseqüentemente, o público. A integração de diferentes programas em uma mesma instituição é uma diretriz projetual que levarei para minha proposta.

Nesse sentido, o residencial geriátrico George W. Davis é uma referência projetual enriquecedora. Além de moradia para idosos, o equipamento também abriga outras modalidades de cuidados de longa duração. Seu programa é diverso e completo, hospeda diversos serviços para idosos e funciona como um centro comunitário para os moradores do bairro de Bayview.

O residencial preocupa-se em oferecer moradias de baixo custo para idosos, atendendo recomendações do Guia Cidade Amiga do Idoso. Das 120 unidades habitacionais, 23 delas são destinadas a sem-tetos e outras duas delas para idosos recém saídos do sistema penitenciário. A preocupação em integrar velhos na comunidade e ajudá-los a ter uma velhice saudável é refletida na arquitetura do local e inspira minhas futuras diretrizes projetuais.

O térreo abriga serviços sociais e de convivência para idosos, como acompanhamento médico, salão de beleza, sala de jogos, academia, sala de eventos e uma ampla cozinha com refeitório que serve cerca de 500 refeições diárias: assim, ao mesmo tempo em que ampara as necessidades de seus moradores, também estimula que os idosos mantenham-se ativos, participativos e saudáveis. Além disso, o pavimento também possui salas de aula onde são realizadas atividades nos campos das artes, da atividade física e de outros ofícios, fomentando o constante aprendizado e exercício da mente. Dessa maneira, o térreo serve como um ponto de encontro bastante dinâmico e completo para os velhos.

Os apartamentos, por sua vez, estão localizados nos pavimentos superiores e contam com uma suíte, sala de estar e cozinha. Além disso, existem espaços comuns para uso dos moradores de cada andar, com salões informais, lavanderia e decks com vistas para o pátio ensolarado.

A riqueza do programa arquitetônico é algo que busco levar para a minha proposta. É um espaço com muita vivacidade e que configura-se como um ponto de encontro comunitário. O residencial provê os idosos com diversos espaços de convivência, de aprendizado e de apoio, e, com isso, contribui para um envelhecimento ativo.



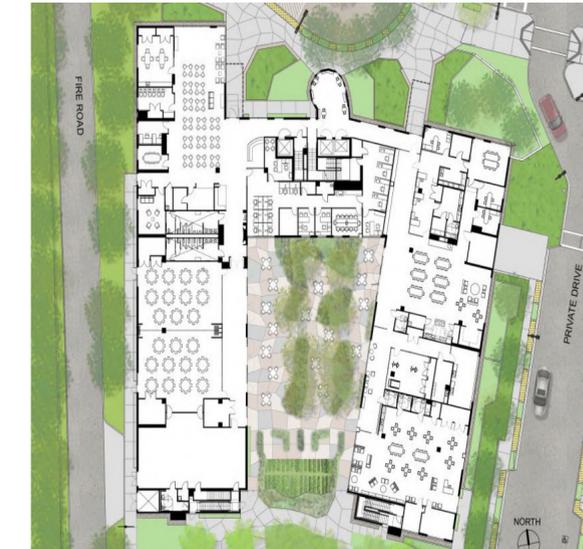
F14: O pátio como ponto de encontro e estímulo à vida comunitária



F15: Aulas de desenho para os moradores



F16: Salão de convivência



F17: Planta baixa | Térreo



F18: Planta baixa | Pavimento de apartamentos

# COM A PALAVRA, OS VELHOS

conversas com membros de grupos de convivência para idosos

Muito populares, os grupos de convivência para idosos respondem à necessidade de socialização e auxiliam na criação de um senso de comunidade e pertencimento para seus membros. Com o intuito de entender melhor suas dinâmicas, entrei em contato com alguns membros de grupos vinculados ao Floripa Feliz Idade e, em conversas informais realizadas por telefone ou áudios por conta da pandemia do COVID-19, consegui me aproximar das vontades, necessidades e reclamações desses velhos, tanto no que diz respeito ao processo de amadurecimento, quanto às suas percepções à participação no grupo.

Ao todo, conversei com 8 idosos (7 mulheres e 1 homem) e, apesar de bastante livres e fluidas, estruturei as conversas em alguns tópicos principais com o intuito de direcionar minhas descobertas e confirmar ou não minhas hipóteses iniciais.



O programa Floripa Feliz Idade é uma área da Secretaria Municipal de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Florianópolis que tem como objetivo a interação social e a oferta de estímulo para a melhoria da qualidade de vida do idoso. Os grupos de convivência de idosos da cidade podem se cadastrar no programa. Com isso, eles podem fazer parte de atividades, eventos e encontros organizados pela Prefeitura e recebem alguns subsídios: um kit alimentício mensal, um kit de artesanato anual e uma viagem de ônibus anual.

**Tópico 01 | Os Grupos de Convivência: motivos de sua participação, atividades desempenhadas, importância de participar, benefícios que o grupo trouxe;**

É notável o carinho com que os idosos relatam sobre suas experiências nos grupos de convivência, o que demonstra o valor desses encontros em seus cotidianos. Muitos velhos alegaram ter conseguido vencer o isolamento social, fazer amizades, ter momentos de lazer e, ainda, encontrar um propósito para sua vida. O grupo de convivência, muitas vezes, abriu portas para que os idosos se engajassem em causas sociais. Alguns entrevistados ajudam no arrecadamento de comida para famílias carentes, resgatam animais abandonados ou organizam campanhas para a limpeza das ruas do seu bairro.

Ainda, conversamos bastante sobre a oportunidade de compartilhar experiências e vivências que os idosos encontram no grupo, principalmente no que diz respeito à velhice e as inseguranças, demandas, particularidades e queixas que essa fase da vida pode apresentar. Muitos entrevistados reconheceram que o amparo que eles encontram durante essas conversas são importantes para que eles se reconheçam, compreendam e até troquem dicas uns com os outros.

Com relação aos encontros dos grupos, os idosos contaram que, antes da pandemia do COVID-19, eles aconteciam semanal ou quinzenalmente, de acordo com a disponibilidade dos membros. Os grupos de convivência, em sua maioria, são compostos por moradores de um mesmo bairro, o que facilita que os encontros aconteçam. Além disso, não houve relatos de grupos que possuem uma sede própria: geralmente, as reuniões acontecem em espaços cedidos por igrejas, associações de moradores ou em suas próprias residências. A infraestrutura, segundo eles, muitas vezes deixa a desejar e limita as atividades, já que por vezes falta espaço ao ar livre ou mobiliário adequado e suficiente.

As atividades que eles desempenham são diferentes e muitos dos grupos variam suas práticas no decorrer do mês, seguindo um cronograma organizado e diversificado de maneira a atender às vontades individuais de todos do grupo. Dentre as atividades desempenhadas nos encontros, destacam-se artesanato e costura; jogos de cartas e bingo; prática de dança, teatro e música; eventuais visitas a outras instituições como escolas e orfanatos; palestras e conversas sobre o envelhecimento, tanto com profissionais quanto entre eles mesmos; prática de caminhadas ou até mesmo a reunião para tomar um café e comer um lanche.

Durante a pandemia, muitos grupos buscaram novas formas de manter o contato, geralmente através de reuniões por vídeo chamadas e mensagens. Um dos grupos, no entanto, encontrou uma maneira mais inusitada e que não envolvia o uso de tecnologias: organizaram uma

grande faixa de pano que passou de casa em casa. Nela, os idosos desenharam, costuraram ou escreveram uma mensagem sobre os tempos pandêmicos, deixando uma lembrança para os amigos e encontrando uma maneira alternativa de se comunicar e demonstrar afeto — mesmo que de longe.

**Tópico 02 | A velhice: suas impressões, as partes positivas e as negativas, seus hábitos cotidianos, as atividades que gosta de realizar;**

As impressões sobre ser velho, de maneira geral, são positivas. É claro que algumas reclamações são recorrentes (e até esperadas), mas a velhice parece ter sido bastante aceita, uma fase agradável de ser vivida por esses idosos. Muitos dizem que o segredo é manterem-se ativos, ocupados, com coisas para fazer e gente para conversar — e aqui, vale o lembrete de que os grupos de convivência desempenham um papel importante na medida em que são uma atividade cotidiana importante de socialização, acolhimento e criação de vínculos para os idosos.

Dores no corpo, dificuldade na mobilidade e problemas para reconhecerem-se no espelho e aceitar as mudanças corporais são algumas das reclamações mais comuns. Além disso, alguns idosos reclamaram de problemas com a família — alguns alegam ter sido deixados um pouco de lado e sentirem um descaso vindo dos netos que parecem preferir as telas de celulares e televisão, enquanto outros reclamam de ficarem a serviço de suas famílias: cuidam dos netos, ajudam financeiramente e realizam tarefas domésticas que, por vezes, os deixam sem tempo para investir em atividades de lazer ou fazer as coisas que desejam. As reclamações com relação às dificuldades de adaptação a um mundo que muda tão rápido também são recorrentes. Os idosos relatam ter vontade de aprender a mexer nos celulares e computadores e adaptarem-se ao cotidiano de novas tecnologias, mas reclamam da falta de paciência das pessoas para lhes ensinar.

Alguns velhos vivem em um estado de isolamento social permanente, mesmo que não estejam vivendo em uma pandemia. Sobre isso, os idosos me contaram que prezam bastante pela socialização: a velhice pode ser muito solitária, então é importante que consigam sair de casa, nem que seja para fazer compras e estabelecer pequenos diálogos com os vendedores. Muitos dizem que o que mais gostam de fazer é encontrar os amigos e a família e contam também sobre seus hobbies: cozinham, costumam, fazem atividade física, leem e assistem TV. Outro ponto que permeia o cotidiano das pessoas com quem conversei é a religião, que costuma ser uma das protagonistas da vida dos idosos — tanto por conta do exercício da espiritualidade, quanto pela oportunidade de socialização.

Tópico 03 | Sua vivência em Florianópolis: o local preferido, os problemas da Ilha na sua opinião;

Alguns dos entrevistados nasceram em Florianópolis, outros se mudaram durante a vida adulta e a cidade parece querida pelos idosos, apesar de apresentarem reclamações recorrentes relacionadas principalmente à mobilidade urbana e falta de acessibilidade: calçadas irregulares, dificuldade em transitar pela cidade e falta de lugar para sentar foram bastante citadas. Além disso, alguns idosos reclamaram da falta de opções de lazer em Floripa: muitos não possuem o costume de frequentar a praia e alegam não ter o que fazer por aqui, principalmente em dias de chuva – acabam às vezes ficando em casa por falta de possibilidades.

Inclusive, com relação ao seu local preferido na Ilha, muitos alegaram que era sua casa, quando ela estava cheia e recebendo amigos e família. Alguns idosos mencionaram suas igrejas como sendo seu local favorito e muitos mencionaram com carinho espaços abertos, onde podem entrar em contato com a natureza e relaxar. Alguns parques perto da sua casa e a orla da praia (desde que tenha calçamento) também foram citados. Muitos entrevistados falaram que essa é uma pergunta difícil de responder, pois, como já havíamos conversado, as opções de espaço de lazer (principalmente que atende aos idosos) são limitadas.

Tópico 04 | Sua opinião e experiência relacionada à convivência intergeracional;

Os relatos sobre as experiências intergeracionais que os entrevistados tiveram foram bastante escassos. Além do contato com a família, alguns idosos comentaram sobre experiências em causas sociais, nas quais visitam crianças em vulnerabilidade. Ainda, o grupo de convivência de um dos entrevistados realiza atividades mensais em uma escola da região – como jogos, cafés ou oficinas de brinquedo – e a experiência é relatada com muito carinho.

Muitos reconheceram que a convivência intergeracional é bastante válida e pode ser enriquecedora, mas disseram que, apesar de terem vontade de experienciar isso, não tiveram muitas oportunidades. Muitos comentaram que gostariam de compartilhar saberes e histórias com os mais jovens.

Perguntei também aos idosos se eles gostariam que crianças e adolescentes frequentassem seus encontros com os grupos de convivência, e a maioria respondeu que poderia ser uma das atividades do grupo, mas não a única. Reforçaram a importância de momentos reservados unicamente aos idosos, para que eles pudessem tratar de assuntos e ter vivências que fogem do universo infanto-juvenil.

Tópico 05 | Suas impressões sobre Moradias para Idosos;

As respostas apontaram, de maneira geral, para um receio generalizado com relação à moradia para idosos. Primeiro, muitos relacionam as moradias para idosos com o abandono da família e a limitação de sua individualidade e independência. Alegaram, de maneira geral, que gostariam de continuar envelhecendo em suas casas, na vizinhança em que já moram e cercados das pessoas que gostam.

Questionei aos entrevistados o que faria com que suas impressões sobre as moradias fosse melhor e, quem sabe, uma opção interessante para eles mesmos. Muitos falaram sobre a importância da instituição possuir a atmosfera de um “lar”. Ressaltaram que seria interessante que eles mesmos pudessem fazer seus próprios horários, receber visitas, dar passeios e viver de acordo com suas próprias vontades e necessidades. Não querem, de jeito nenhum, ficar presos dentro de uma instituição, mas sim ter oportunidade de conviver com outras pessoas e vivenciar a cidade.

Perguntei o que os velhos gostariam que uma moradia para idosos oferecesse no quesito de infraestrutura. Muitos mencionaram que adorariam espaços de lazer, como salão de jogos e um local onde pudessem conviver com outros moradores e fazer novos amigos. Falaram também sobre espaços ao ar livre de fácil acesso e o quanto isso seria positivo para que pudessem entrar mais em contato com a natureza. Por fim, algumas respostas vieram no sentido de idosos preocupados com o futuro: falaram que gostariam que a moradia fosse acessível para o caso de um dia precisarem andar de cadeira de rodas e que contasse com profissionais que pudessem “ficar de olho” em algum problema de saúde deles.

Conclusões gerais;

As conclusões dessas conversas reforçam o que eu já vinha lendo sobre os idosos ao longo da minha pesquisa: é um grupo bastante plural, composto por indivíduos distintos, que gostam de coisas diferentes. Entrevistei idosos ativos, que possuem uma visão bastante positiva sobre a velhice. Sobre isso, o fato dos entrevistados participarem de grupos de convivência desempenha um papel importante no modo como eles encaram essa etapa de vida e facilitam seus processos de socialização. Logicamente, esses grupos de idosos não são a única maneira de se atingir um envelhecimento ativo e saudável, mas apresentam-se como uma boa alternativa para tanto.

Outra conclusão diz respeito à convivência intergeracional: nela existem muitos benefícios, mas, os espaços separados aos velhos e aos jovens individualmente são valiosos para o desenvolvimento de uma identidade coletiva e o reconhecimento de si mesmos. Diferentes faixas etárias possuem vontades, necessidades, interesses e expectativas próprias e, portanto, atividades especialmente programadas para gerações específicas também são importantes.

Com relação à sua vivência em Florianópolis, é notável a falta de opções de lazer que atende aos velhos. O Guia Global Cidade Amiga do Idoso enfatiza a importância do fácil acesso à atividades comunitárias e de lazer, no entanto a realidade de Floripa é bem diferente. É urgente, portanto, a proposição de novos espaços que supram essa carência dos idosos, de modo a melhorar sua conexão com a comunidade.

Por fim, quanto às impressões dos idosos sobre as moradias, confirmei o que li em minhas pesquisas iniciais. No Brasil, as opções existentes, principalmente na esfera pública, são iniciais e pouco acolhedoras às vontades dos idosos: parecem anular sua individualidade e ser o pouco integradas à vida comunitária – o receio de viver em um moradia, portanto, não é à toa. Por outro lado, é importante lembrar que os idosos com quem conversei são ativos e, de maneira geral, independentes. No entanto, esse é um dos recortes das muitas velhices brasileiras. Existem idosos que dependem dos cuidados de terceiros, que não envelheceram com saúde, que não se sentem seguros ou acolhidos morando sozinhos ou que possuem dificuldade financeiras. Nesses casos, a moradia pode ser uma boa opção, desde que pensada de forma a (re)conectar o velho com a comunidade e acolher suas necessidades.

# PARTE II

## SOBRE A PROPOSTA

24\_ objetivos gerais e diretrizes de projeto

25\_ local da proposta: cidade, distrito e bairro

28\_ a área de intervenção

29\_ espaço kairós: desafios e pré-existências do terreno

31\_ definições iniciais

32\_ programa arquitetônico

34\_ fluxograma de usos principais e partido arquitetônico

## OBJETIVOS

Desenvolver uma proposta arquitetônica para uma moradia de idosos e centro de convivência intergeracional que provê melhores condições de envelhecimento para a população local e configura-se como uma opção de lazer comunitário.

Para tanto, a proposta tem como diretrizes projetuais

- Fomentar a **participação social e convívio comunitário de idosos**, através da oferta de espaços, atividades e serviços que o estimulem a sair de casa;
- Incentivar o **a coeducação entre gerações** através de processos no âmbito da educação não formal e informal;
- Oferecer espaços para a realização de **atividades sócio-culturais, de lazer e de participação social** para a comunidade;
- Amparar a população idosa através da implementação de mais **opções públicas de cuidados de longa duração** (como moradia e centro de convivência) e de **serviços para promoção de saúde e bem estar** dos velhos;
- Incentivar, através da concepção do espaço, as diretrizes do **envelhecimento ativo**;
- Prover a cidade com um espaço que atenda às diretrizes do **Guia Cidade Amiga do Idoso**;
- Desenvolver um projeto arquitetônico que acolhe idosos com base no conceito da **docilidade ambiental** e nas recomendações de Regnier e Pynoos;
- Incentivar a reflexão acerca do **papel social dos velhos**, considerados improdutivos na lógica moderna, através do aumento da visibilidade dessa classe etária e da convivência intergeracional incentivada nos espaços do projeto;



## LOCAL DA PROPOSTA

### a cidade de florianópolis

Optei por desenvolver o projeto do Centro de Convivência e Lazer Intergeracional na cidade onde cresci e cursei o curso de Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis. Capital do estado de Santa Catarina e com 516.240 habitantes (IBGE, 2021), a cidade é composta por uma parte continental e outra insular. Na capital catarinense, destacam-se processos básicos de expansão urbana: um resultante da dinâmica da cidade-capital, tendo por referência o centro original e outro referente ao desenvolvimento de atividades balneário turísticas (OLIVEIRA, 1993). Somado a esses processos, Florianópolis também vem se consolidando como um pólo tecnológico, segundo a Prefeitura da cidade, o que atrai mais moradores para a cidade.

**Acerca da temática do trabalho, a infraestrutura que visa o amparo de idosos e a convivência intergeracional ainda é escassa e não supre a demanda existente.** Na cidade, existem várias moradias privadas e outras quatro de iniciativa filantrópica, apontadas no mapa ao lado. Ainda, assinalo outros locais públicos de amparo ao idoso que, em sua maioria, são edificações pouco adaptadas às demandas e vontades desse segmento etário, com escassa integração ao espaço público e espaços limitados e pouco diversos.

A prefeitura de Florianópolis prevê algumas ferramentas de amparo ao idoso. O Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) oferece Assistência Social no âmbito da convivência familiar e comunitária, viabilizando o acesso da população a benefícios e projetos sociais como o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Este é dividido em 2 setores: um voltado para crianças e adolescentes e outro para idosos. No primeiro, são realizadas atividades lúdicas, culturais e esportivas que incentivam a interação, aprendizagem e proteção do seu público; no segundo, são desenvolvidas atividades que contribuem para o envelhecimento ativo, no fortalecimento de vínculos e no convívio comunitário. Hoje existem em Florianópolis 6 Centros de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (CCFV) que atendem aos jovens e apenas 1 que atende ao público idoso, localizado em Capoeiras juntamente ao CRAS. Por fim, o centro-dia do Córrego Grande, localizado no Horto Florestal, atende a apenas 25 idosos em vulnerabilidade social por turno.

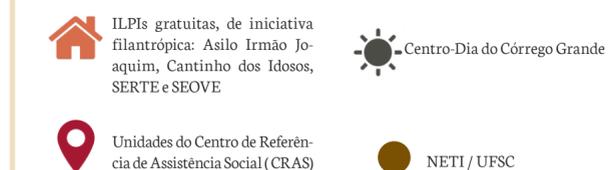
## o distrito dos ingleses do rio vermelho

O distrito dos Ingleses do Rio Vermelho situa-se no extremo nordeste da parte insular de Florianópolis. A geomorfologia que circunda o bairro, somada à maneira com que a região desenvolveu-se, faz com que a área seja bastante segregada. Inclusive, sua integração com o restante do município acontece por somente dois pontos: a SC-403 e a SC-406 (Rodovia João Gualberto Soares). Isso, no entanto, não impede o bairro de apresentar altas taxas de crescimento, muito por conta de sua paisagem privilegiada. A procura pelo balneário é tanta que em 10 anos a população local duplicou, enquanto a média de crescimento florianopolitana mantém-se abaixo dos 3% (SADOWSKI, 2017).

De acordo com Moretto Neto (apud SADOWSKI, 2017), se até os anos 1960 os Ingleses apresentava características mais rurais, a instalação da rede elétrica local e a posterior pavimentação das Rodovias SC-401 e SC-403 nos anos 1970 deram o pontapé inicial para o processo de modificação do espaço. Sadowski (2017) ainda afirma que as décadas de 1980 e 1990 intensificaram esse processo de crescimento e diversas famílias se deslocaram ao distrito em busca de qualidade de vida. Assim, Ingleses assumiu duas partes com configurações e características urbanas bastante distintas. De um lado desenvolveu-se como um balneário turístico, alvo de pesados investimentos urbanos. De outro assumiu ares de cidade periférica, abrigando muitos prestadores de serviço de veraneio que acabaram fixando moradia na área.

Ingleses possui uma área de 20,47km<sup>2</sup> e uma população estimada em 80 mil pessoas. Fazem parte do distrito algumas localidades com características espaciais e econômicas bem distintas entre si: Ingleses Centro, Ingleses Norte, Ingleses Sul, Santinho e Capivari compõem o que conhecemos hoje como Ingleses do Rio Vermelho. A SC-403 funciona como um divisor de águas para o distrito: na região ao norte da rodovia, funciona a cidade formal, com condomínios, loteamentos, prédios e hotéis. A cidade informal encontra-se ao sul e desenvolve-se sobre as antigas terras agrícolas do Capivari e Santinho, que seguem sofrendo um processo de parcelamento do solo (Sadowski, 2017).

F.19: Amparo ao idoso em Florianópolis.



No que tange a infraestrutura pública, o distrito dos Ingleses é bastante carente, principalmente nas regiões ao sul da rodovia SC-403. Apesar do crescimento acelerado, os serviços não acompanharam as demandas da população e o desenvolvimento se deu de forma pouco planejada. O distrito disponibiliza uma diversa gama de serviços e comércio locais, ao mesmo tempo em que deixa a desejar no que diz respeito a equipamentos públicos, transporte coletivo e questões ligadas ao meio ambiente — como ligações de esgoto irregular. No que diz respeito à educação pública, os Ingleses conta apenas com 3 escolas de Ensino Infantil e 2 escolas de Ensino Básico, sendo que apenas uma oferece Ensino Médio. As opções de lazer e cultura públicas são escassas: a praia segue sendo uma das únicas possibilidades capaz de cumprir esse papel. Além disso, em 2019, foi inaugurado o Parque Linear dos Ingleses, única praça do distrito, localizada nas margens da SC-403.



F.20: O rio Capivari. A poluição preocupa as autoridades locais. Sua principal causa são as ligações de esgoto irregulares feitas por moradores dos Ingleses.



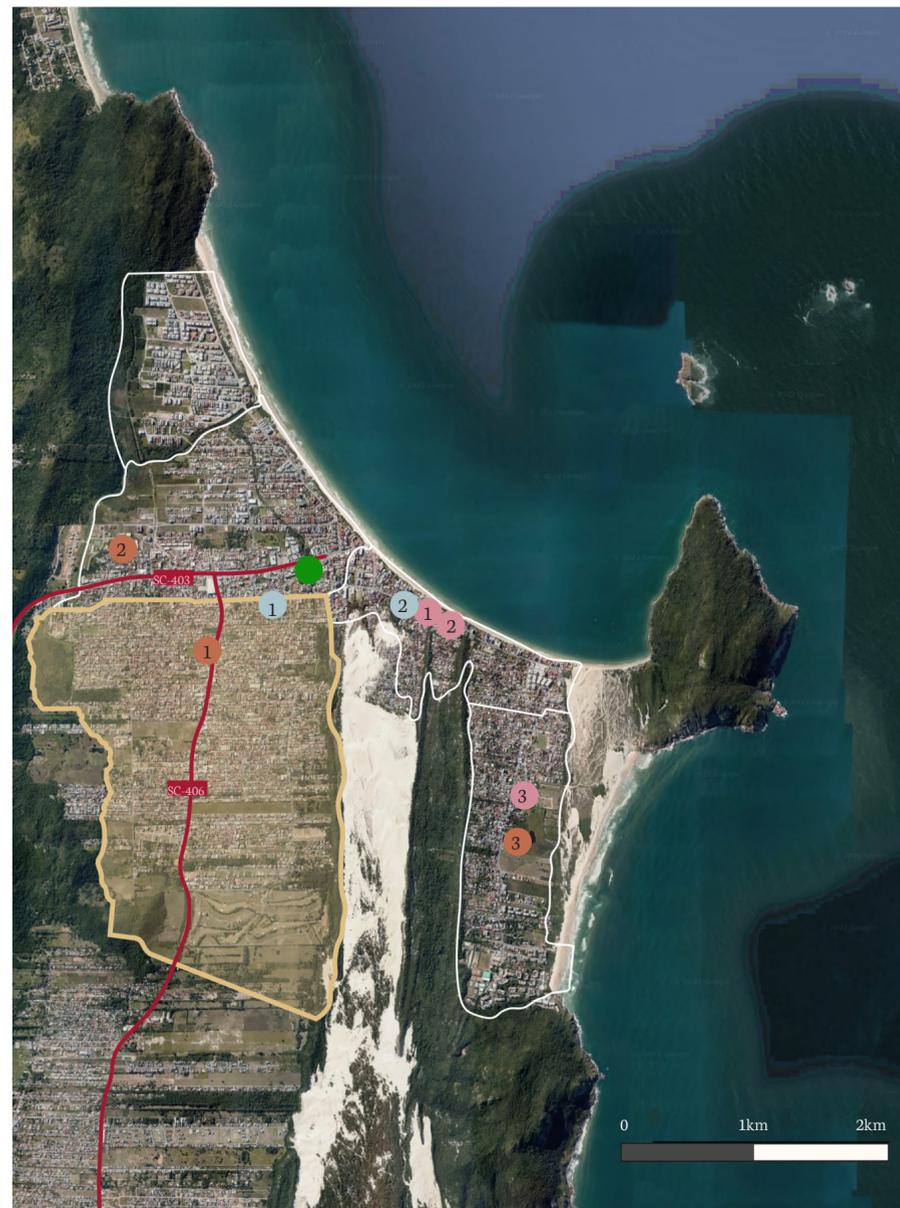
F.21: Parque Linear dos Ingleses. Inaugurado em 2019, sua construção ainda não foi completamente concluída, mas o projeto prevê equipamentos quadra de areia, parque infantil, academia de saúde e pet place.



F.22: Trecho da Rodovia SC-403. A via divide a parte Norte e Sul dos Ingleses e concentra um elevado número de estabelecimentos comerciais e de serviço.



- NEI Gentil Mathias da Silva 1
- NEI Ingleses 2
- NEI Luiz Paulo da Silva 3
- EEB Intendente José Fernandes 1
- EBM Herondina Medeiros Zaferino 2
- EBM Maria Tomazia Coelho 3
- Parque Linear dos Ingleses ●
- Centro de Saúde Ingleses 1
- Centro de Saúde Santinho 2
- Limites do bairro Capivari, no Distrito dos Ingleses ○
- Rodovias SC-403 e SC-406 (Rod. João Gualberto Soares) —



F.23: O distrito dos Ingleses e alguns equipamentos públicos.

## o bairro do capivari

Segundo Sadowski (2017), o bairro Capivari abriga a maior parte da população residente do distrito dos Ingleses. Alguns dos moradores são nativos do bairro que foram expulsos das proximidades da orla, enquanto a maioria é proveniente da expansão urbana de Florianópolis, que os obrigou a buscar moradia em regiões periféricas da cidade. O censo de 2010 realizado pelo IBGE apontou que o Capivari possuía 17031 habitantes. Dentre a população, é notável a quantidade de crianças, adolescentes e idosos: segundo o levantamento, em 2010 eram 4486 crianças e jovens de 0 a 17 anos e 1467 idosos de 60 a 90 anos, totalizando 34,95% do total da população do bairro. A renda per capita média do bairro era de R\$858,18, a mais baixa em comparação aos outros bairros do distrito dos Ingleses e uma das mais reduzidas de Florianópolis.

Sadowski (2017) aponta que o Capivari teve seus antigos lotes rurais substituídos por novos assentamentos decorrentes do parcelamento simples do solo e do aproveitamento de antigos caminhos. Seu traçado urbano em “espinha de peixe” é evidente. Suas características espaciais resultam do crescimento espontâneo e irregular. As ruas do Capivari apresentam poucas conexões intermediárias e milhares de edificações seguem surgindo em terrenos apertados provenientes dos parcelamentos, cujos tamanhos muitas vezes não atendem ao previsto no Plano Diretor e apresentam ruas estreitas, muitas vezes sem calçadas.

O bairro é predominantemente residencial e as casas no geral dispõem de no máximo dois pavimentos. Os comércios e serviços, como padarias, farmácias e pequenos mercados, localizam-se majoritariamente nas vias maiores, como a João Gualberto Soares (SC-406) e a Intendente João Nu-



F.24: Servidão Laurindo Elias de Oliveira.



F.25: SC-406.



F.26: Servidão José Manoel de Souza.

nes Vieira. Ainda, o zoneamento do bairro aponta para a escassez de espaços verdes e de infraestrutura: apesar da alta demanda, o Capivari possui somente um Centro de Saúde e apenas uma escola pública. Além disso, o Plano Diretor de Florianópolis demarca apenas uma área verde de lazer (AVL) no bairro, resultado de um novo loteamento que deixou sua cota de espaços públicos na frente dos lotes. A área resultante não é convidativa e não possui um caráter verdadeiramente público (MARIOT, 2019).

Com base nos fatos mencionados acima, optei por implantar o projeto arquitetônico da Moradia para Idosos e Centro de Convivência Intergeracional no Capivari. Dentre as razões, está a localização do bairro no extremo nordeste de Florianópolis, distante da região central, onde encontra-se a maior parte da infraestrutura urbana da capital. O trajeto centro/bairro é longo e a precária mobilidade urbana de Florianópolis aumenta o tempo de deslocamento, dificultando a chegada dos moradores dos Ingleses aos locais centrais da cidade. **Nesse sentido, prover as regiões periféricas de equipamentos públicos, bem como escolher o Capivari como bairro sede de um Centro de Convivência, é uma maneira de garantir o acesso de mais pessoas ao lazer e à cultura.**

O número de idosos — público alvo da proposta — que residem no Capivari é considerável. Mais que isso, os dados do IBGE (2010) apontam que quase 35% da população do bairro é composta de crianças, adolescentes e idosos — grupos etários considerados improdutivos economicamente. Nesse sentido, pensar em espaços que atendam à pessoas não inseridas no mercado de trabalho é uma forma de torná-las parte da cidade e trazer à tona reflexões acerca de seu papel social.

## F.27: O ZONEAMENTO DO CAPIVARI



### LEGENDA

- Área Mista de Serviços (AMS)
- Área Mista Central (AMC)
- Área Residencial Mista (ARM)
- Área Residencial Predominante (ARP)
- Zona Especial de Interesse Social (ZEI)
- Área Comunitária Institucional (ACI)
- Área Verde de Lazer (AVL)
- Área de Preservação de Uso Limitado (APL)
- Área de Preservação Permanente (APP)

## A ÁREA DE INTERVENÇÃO

1. Área de intervenção
2. EEB Intendente José Fernandes
3. CRAS Ingleses



F.28: Recorte do Capivari.



O crescimento populacional do Capivari é acompanhado do aumento do número de edificações no bairro. Assim, através do acompanhamento por ortofotografias, procurei possíveis terrenos majoritariamente vazios para a propor o projeto de Moradia para Idosos e Centro de Convivência e Intergeracional. O Guia Cidade Amiga do Idoso enfatiza a importância de que os idosos tenham fácil acesso a serviços e que suas moradias sejam conectadas à comunidade em que estão inseridas. Portanto, dei preferência para terrenos localizados nas vias principais do bairro, devido a proximidade de outros serviços e do acesso mais facilitado, tanto através de transporte público quanto a pé.

Quem me apontou a área de intervenção foi uma das idosas que entrevistei na minha etapa de pesquisas. O Grupo de Convivência que ela faz parte, Arteiras do Capivari, realiza seus encontros nas dependências da Igreja localizada em frente à zona de intervenção. A entrevistada ainda reforçou a falta de opções de lazer e encontro no bairro, enfatizando a importância da vida pública e a proposição de novos espaços que abriguem essas atividades. A localização do terreno é bastante interessante: uma das principais vias do bairro, a João Gualberto Soares (SC-406). Ao seu lado, está localizada a única escola pública do Capivari, a Escola Estadual Básica Intendente José Fernandes, o que é vantajoso para a realização de atividades intergeracionais, visto que crianças e adolescentes já frequentam naturalmente o lugar. Ainda, o CRAS dos Ingleses fica do lado oposto da rua.

A área de intervenção do projeto é a junção de quatro terrenos — A, B, C e D.



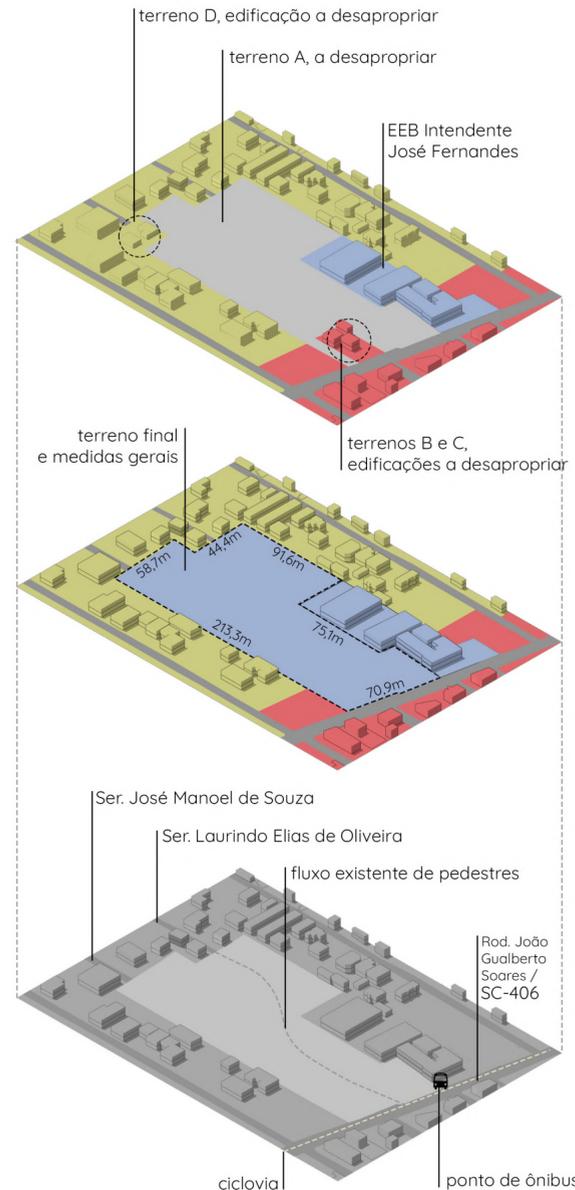
F.29: Os terrenos A, B, C e D | sem escala.

O terreno A destaca-se por ser o maior de todos, com 16472,2m<sup>2</sup>. Atualmente, não abriga nenhum tipo de edificação e trata-se de um polígono irregular nas margens da Rodovia João Gualberto Soares (SC-406). Os terrenos B e C abrigam edificações de cerca de 90m<sup>2</sup> cada e tratam-se de pequenos comércios locais que devem ser desapropriados. O terreno D, por fim, abriga uma residência de um pavimento ao final da Servidão José Manoel de Souza, via sem saída, e a proposta é que ele também seja desapropriado com o intuito de melhorar a integração do projeto na malha urbana.

O terreno resultante, portanto, possui 17924,3m<sup>2</sup> e pode ser acessado por 3 vias: através da rua principal, a João Gualberto Soares (SC-406), e das Servidões Laurindo Elias de Oliveira e José Manoel de Souza. A primeira delas apresenta-se como o acesso mais fácil: é alimentada por 8 linhas de ônibus, existe um ponto frente ao terreno e uma ciclovia que acompanha a rodovia.

É notável, no entanto, a falta de conexão da via principal com as servidões, o que dificulta o deslocamento tanto de pedestres, quanto de veículos. A inexistência de um planejamento adequado no que diz respeito ao parcelamento do solo parece obrigar a população a encontrar seus próprios meios de facilitar o deslocamento. Assim, hoje a área de intervenção funciona como uma via de passagem peatonal que liga a rodovia principal com a Servidão Laurindo Elias de Oliveira.

De acordo com o Plano Diretor de Florianópolis vigente, o terreno de intervenção é zoneado predominantemente como Área Residencial Predominante (ARP 2.5). Esse zoneamento permite que sejam construídos no máximo dois pavimentos e a taxa de ocupação máxima é de 50%. Nas partes mais próximas à Rodovia João Gualberto Soares (SC-406), o terreno é zoneado como Área Mista Central (AMC 3.5), que permite até 3 pavimentos, possui taxa de ocupação máxima de 50% e possibilita usos residenciais, comerciais e de serviços. Considerando o programa e o intuito do projeto, proponho que o terreno de intervenção resultante seja transformado em uma Área Comunitária Institucional (ACI), zoneamento reservado para a implantação, pelo Poder Público, de espaços reservados à comunidade, como áreas verdes, de lazer e equipamentos públicos de uso comum.



F.30: Esquemas do terreno.

## O ESPAÇO KAIRÓS desafios e pré-existências do terreno

A partir da pesquisa teórica e de uma aproximação com a área de intervenção e com o terreno, surge o Espaço Kairós, uma Moradia para Idosos e Centro de Convivência Intergeracional no Capivari/Ingleses. A moradia, além de prover a cidade com uma opção de habitação para idosos, é um estímulo para repensarmos os modelos existente, vencermos alguns preconceitos existentes com relação a essas instituições e criarmos novas formas de morar para a população idosa. Por sua vez, o Centro de Convivência Intergeracional, além de servir de apoio à moradia para idosos, também oferece práticas que possibilitam a autonomia e a independência dos idosos por meio de atividades diversas e possui como perspectiva amenizar o isolamento e agregar em trocas sociais (AMANCIO; ALBUQUERQUE, 2022).

Começo então a traçar estratégias de projeto e estudar espacialidades pretendidas com a proposta, de modo a traduzir minhas pesquisas em um projeto arquitetônico que garanta melhores condições para o envelhecimento e dê ferramentas para a convivência intergeracional.

Nem o fato do terreno da proposta já ser utilizado como via de passagem peatonal, tampouco a proximidade imediata com a única escola pública do bairro, garantem que as pessoas permanecerão no local e desfrutarão efetivamente do espaço. A partir disso, surgiram algumas indagações iniciais com relação à proposta. **Como transformar um terreno que hoje é utilizado como atalho em um local de encontro e convivência? Como fazer com que as pessoas sejam convidadas a permanecer no local e vivenciar o espaço? Mais ainda, como oportunizar que a convivência intergeracional de fato aconteça nessa área e como promover a inserção do idoso na convivência comunitária?**

Muitas dessas respostas surgiram ao longo da pesquisa teórica e documental, bem como do estudo de outras experiências e referências projetuais. No entanto, fez-se necessário ir além e aprofundar a pesquisa no que diz respeito à área de intervenção. Assim, identifiquei dois pontos que demandam um estudo mais profundo no terreno: a **Rodovia João Gualberto Soares e a EEB Intendente José Fernandes**. A partir disso, foi possível traçar estratégias, delimitar um programa e desenvolver um partido arquitetônico que atenda aos desafios e objetivos da proposta.

### KAIRÓS

Os gregos possuíam duas palavras para a nossa concepção de tempo: *chronos*, que diz respeito ao tempo cronológico e *kairós*, que é de natureza qualitativa. Na mitologia grega, o tempo de Kairós diz respeito ao tempo vivido.

### A RODOVIA JOÃO GUALBERTO SOARES (ou SC-406)

O principal acesso do Espaço Kairós ocorre através da Rodovia João Gualberto Soares. Esta é uma via que estrutura a ocupação local não só do Capivari, como de boa parte dos Ingleses. Ela é a única ligação do sul do distrito dos com o restante da Ilha, estendendo-se desde o início do Capivari até a Barra da Lagoa, localizada na porção leste de Florianópolis. Ainda, diversas servidões e vias menores, majoritariamente residenciais, desembocam na rodovia, reforçando sua importância no traçado urbano do bairro.

Localmente, a João Gualberto Soares concentra grande parte dos movimentos e do comércio do Capivari e, inclusive, Sadoswki (2017) afirma que essa é a via que apresenta a maior concentração de edificações, sendo a maioria delas comerciais. São, em sua maioria, comércios que atendem às necessidades cotidianas da população, como padarias, minimercados, restaurantes, lojas de materiais de construção e farmácias.

O terreno de intervenção, portanto, é amparado por uma gama de serviços localizados ao longo da Rodovia João Gualberto Soares. O fluxo de pessoas e automóveis ali é alto, tanto por conta da ligação com o restante da cidade, quanto pela oferta de comércios e serviços. Em contrapartida, a via carece de locais de permanência ou de convivência — apesar de ser uma centralidade do bairro, não existem equipamentos públicos ou espaços para descanso que fazem com que as pessoas vivenciem o espaço da rua. O que se observa é que a rodovia apresenta um caráter mais transitório. No geral, os serviços e comércios são utilizados pela população de maneira rápida e direta — apesar de apresentar calçadas e ciclovia, a João Gualberto Soares não é uma rodovia onde as pessoas costumam passar tempo ou passear.

Nesse sentido, busco fazer do Espaço Kairós um local de permanência, de passar tempo, de conviver com outras pessoas. Evito o caráter excessivamente transitório que a João Gualberto Soares possui e que o terreno hoje apresenta, visto que configura-se como uma via de passagem que interliga a rodovia com uma servidão aos fundos do terreno. **A proposta arquitetônica, portanto, deve convidar as pessoas a adentrarem essa área e optarem por permanecer ali e desfrutar de um tempo de lazer, encontro, contemplação e convívio comunitário. Para tanto, desenvolver um programa arquitetônico e urbanístico que dialogue com as vontades das pessoas e apresente pontos de interesse que as façam sair da Rodovia e penetrar o terreno, mesmo que a conexão com a Rodovia seja reduzida em dimensões, é essencial para a vitalidade e uso efetivo do Espaço Kairós.**



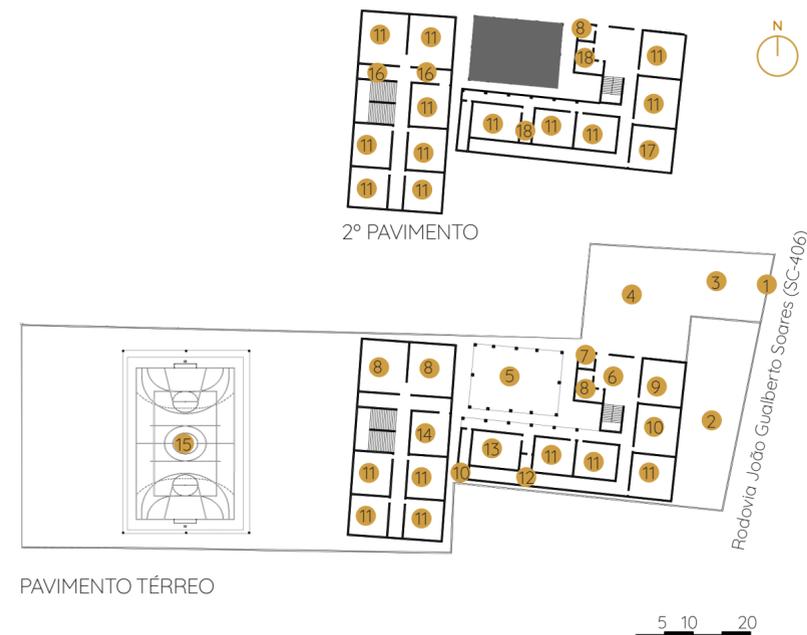
F.31: Rodovia João Gualberto Soares e imagens das imediações do terreno;

Pensar nas conexões entre a escola e o Espaço Kairós é importante na medida em que o **Centro de Convivência Intergeracional pode servir de apoio para crianças e adolescentes no contraturno escolar, fazendo com que as atividades oferecidas no local façam parte de um Projeto de Extensão da escola**, por exemplo. Assim, busquei compreender as espacialidades e a infraestrutura da EEB Intendente José Fernandes, de modo a propor uma intervenção coerente com essa pré-existência tão importante para o projeto. A ideia não é propor uma nova arquitetura para as edificações da escola, visto que isso envolveria um estudo mais profundo sobre espaços pedagógicos, mas sim integrá-la ao Espaço Kairós e facilitar que relações entre os alunos e os participantes do programa aconteçam.

Mariot (2018) relata que a escola é estruturada através de dois blocos edificadas, áreas comuns cobertas e descobertas e uma quadra poliesportiva. Próximo a rua encontra-se o estacionamento para funcionários e um bicicletário para os alunos. Anexo à entrada da escola, existe uma pequena área descoberta onde acontece o recreio — é um ambiente pequeno, que conta com bancos e uma mesa de xadrez. Os espaços de convívio são insuficientes e não atendem à demandas de crianças, principalmente daquelas com idade menor. Além disso, a escola também carece de locais para a realização de atividades específicas como ateliês, laboratórios, oficinas, palestras ou espaço lúdico e Mariot (2018) ainda afirma que as salas de aula são insuficientes para atender adequadamente à todos os alunos matriculados na escola. **Com base nisso, entendo que o Espaço Kairós e a Escola podem ser complementares um ao outro.** Assim, nas próximas seções, exploro possibilidades para a relação da escola com o Centro de Convivência.

LEGENDA AMBIENTES

- 1. ACESSO
- 2. ESTACIONAMENTO
- 3. BICICLETÁRIO
- 4. PÁTIO DESCOBERTO
- 5. REFEITÓRIO / PÁTIO COBERTO
- 6. HALL
- 7. DIREÇÃO
- 8. BANHEIROS
- 9. SECRETARIA
- 10. SALA DE PROFESSORES
- 11. SALA DE AULA
- 12. SERVIÇO DE ATENDIMENTO
- 13. BIBLIOTECA
- 14. COZINHA
- 15. QUADRA POLIESPORTIVA
- 16. COORDENAÇÃO
- 17. LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA
- 18. DEPÓSITO



F.32: Planta baixa da EEB Intendente José Fernandes.



F.33: Espaço de convivência existente.



F.34 A frente da escola.



F.35: O terreno de intervenção e a lateral da escola.

## DEFINIÇÕES INICIAIS

Com base nas pesquisas iniciais, nas diretrizes de projeto e nos estudos acerca da área de intervenção, estabeleço algumas definições iniciais com o intuito de atender aos objetivos da proposta arquitetônica.

- Considerar o Desenho Universal e a acessibilidade:

A acessibilidade universal é uma das recomendações do Guia Cidade Amiga do Idoso, bem como uma estratégia para tornar o ambiente mais dócil e promover um envelhecimento ativo. É importante garantir que as pessoas — principalmente aqueles que possuem mobilidade reduzida, como é o caso de muitos idosos — consigam utilizar e desfrutar do ambiente.

A NBR 9050 é a norma brasileira que trata de questões de acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos e utilizarei-a como instrumento para a concepção do espaço. De modo geral, os espaços devem ser seguros, flexíveis e adaptáveis às habilidades de cada pessoa. Assim, evitar obstáculos físicos, prover o espaço com elevadores e/ou rampas e dimensionar objetos e ambientes de maneira a atender à todas as pessoas são algumas estratégias que considerarei no projeto arquitetônico como um todo.

Ainda, o desenho universal considera questões relacionadas à orientação espacial. Esse é um fator bastante importante quando se pensa em idosos, visto que muitos possuem dificuldades cognitivas. No Espaço Kairós, a orientação espacial será facilitada através de volumetrias que permitem que o usuário observe outros pavimentos e perspectivas do ambiente, de plantas e layouts simples e com fácil legibilidade e da exploração de sentidos táteis, olfativos e auditivos através de elementos como a vegetação.

- Fomentar o contato com o ambiente externo e elementos naturais:

Passar tempo em ambientes externos, bem como entrar em contato com a natureza, pode impactar positivamente na qualidade de vida das pessoas na medida em que promove bem-estar. Ainda, a exposição a ambientes naturais pode ser restauradora, visto que apresenta benefícios para a saúde como o alívio de tensões e diminuição de fadiga relacionada ao uso excessivo de atenção continuada. (GOMES JUNIOR; ELALI, 2022)

Os idosos com quem conversei demonstraram gostar de viver em ambientes externos, e, em acordo com os relatos que tive, Rojas (2005) destaca que a vegetação representa uma fonte de interesse para os idosos, já que estimula a utilização de espaços abertos.

Os elementos naturais podem estimular a sensibilidade e os sentidos de pessoas. Os aromas, as cores e até mesmo o tato podem ser explorados quando se entra em contato com a vegetação e com hidrografia. Nesse sentido, para além da vegetação, explorarei a relação com a água no projeto, visto que ela é um elemento com potencial lúdico e que atrai pessoas: sejam elas crianças que querem brincar ou idosos que buscam algum tipo de frescor.

Além disso, Amancio e Albuquerque (2022) relatam que o contato com a natureza também pode reviver antigas memórias dos velhos e, nesse sentido, pode tornar um ambiente mais dócil na medida em que aumenta o sentimento de familiaridade com o espaço.

- Diversificar o programa arquitetônico:

Os desdobramentos do conceito de docilidade ambiental, bem como o Guia Cidade Amiga do Idoso e o documento intitulado Envelhecimento Ativo apontam para a importância da participação social dos velhos. Uma forma de fazer com que isso aconteça é através de um programa arquitetônico diverso, que explico no capítulo seguinte.

A população idosa é bastante plural e possui vontades, gostos e demandas diferentes. Assim, busco diversificar os usos do Espaço Kairós de modo a atender o maior número de idosos possível. Um programa arquitetônico completo é uma forma de fazer com que idosos encontrem razões para saírem do isolamento, desfrutarem de um espaço público e participarem do convívio comunitário. Somado a isso, de modo geral, a diversidade de usos atrai mais pessoas — de todos os grupos etários — para o espaço, o que fomenta a convivência intergeracional.



## PROGRAMA ARQUITETÔNICO

Tendo em vista as pré-existências e os desafios do terreno, bem como as definições de projeto que nortearão a concepção do Espaço Kairós, delimito e descrevo o programa arquitetônico. Organizo-o no espaço e traço um fluxograma de usos para, enfim, expor um partido arquitetônico que atenda aos objetivos propostos.



O diverso programa arquitetônico oportuniza que pessoas de todas as idades interajam, aprendam e conheçam umas às outras. Essa convivência contribui não só para o entendimento do papel social da pessoa idosa, como também para sua inserção comunitária e ampliação de vínculos afetivos. Nesse sentido, os diversos usos e ambientes propostos para o Espaço Kairós promovem o sentimento de segurança, autoestima, bem-estar e satisfação dos velhos.

### o térreo como parque

O **térreo foi o ponto de partida para o projeto, visto que é através dele que integro o terreno à malha urbana do Capivari e articulo as edificações.** Assim, começo a pensar no Espaço Kairós a partir do vazio e de eixos de circulação para, enfim, posicionar as edificações. Ainda, posteriormente divido as áreas edificadas em 3 setores: a moradia para idosos, o espaço de oficinas e a zona de comércio e serviços. Os usos particulares de cada setor atraem os usuários para o Centro, pois justificam a presença das pessoas para a realização de atividades específicas.

No térreo, priorizei o caminho peatonal já existente no terreno e propus a abertura de um novo eixo que interliga a via principal com a servidão José Manoel de Souza. O primeiro eixo, portanto, passa pelo meio do terreno e segue sendo exclusivo para pedestres. O segundo, localizado na borda do terreno, permite também a passagem de automóveis e serve de apoio para as edificações, configurando-se como uma rua compartilhada para pedestres, automóveis e bicicletas. Ao longo desse eixo, posicionei vagas para **ESTACIONAMENTO**.

A intenção é que o térreo configure um grande parque para o Capivari. É um espaço que permite uma apropriação livre, sem predeterminar muitos usos específicos. Além disso, busco pensar no térreo como espaço possibilitador de trocas intergeracionais espontâneas. Assim, o térreo é para que todos — crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos — convivam e desfrutem de um equipamento público. Para tanto, entendo que é necessário prover o espaço com um mobiliário urbano adequado, espaços de sombra e contato com a natureza.

A fim de promover o efetivo uso do terreno e transformá-lo em local de encontro também proponho alguns usos e equipamentos específicos para o parque. Através desses pontos de interesse, as pessoas são convidadas a frequentarem o Espaço Kairós para a realização de atividades particulares, o que pode atrair mais usuários ao local. Nesse sentido, vimos anteriormente que a EEB Intendente José Fernandes também é um ponto de interesse do térreo do projeto, visto que os estudantes da instituição frequentam naturalmente o terreno e, portanto, podem facilitar o processo de convivência e coeducação entre gerações.

#### INTEGRAÇÃO COM A EEB INTENDENTE JOSÉ FERNANDES

Como visto, hoje a escola carece de infraestrutura adequada para o atendimento de seus alunos. Nesse sentido, o Espaço Kairós pode suprir algumas demandas espaciais da instituição, servindo como apoio para a escola. Assim, espaços como biblioteca, salas de oficina e espaços de convivência farão parte do programa arquitetônico do Centro de Convivência e Lazer Intergeracional e poderão ser utilizados pelos estudantes da escola.

Hoje o espaço de convivência da EEB Intendente José Fernandes, principalmente no que diz respeito às áreas externas, é insuficiente. Assim, proponho expandir os limites do **PÁTIO ESCOLAR** integrando-o ao Espaço Kairós e provendo esse pátio com brinquedos infantis. Ainda, atualmente a instituição é cercada por muros e, por tratar-se de uma escola, considero importante delimitar fisicamente os limites desse espaço por questões de segurança. No entanto, proponho um novo tratamento para esses muros, tornando-os mais agradáveis e menos rígidos.

Ainda, a **QUADRA POLIESPORTIVA** da escola passará a ser aberta ao público. A proposta é que seu uso seja liberado a todos durante os finais de semana ou férias escolares e que, em dias úteis, pessoas inscritas nos programas oferecidos pelo Espaço Kairós também possam usufruir da quadra. Essa é uma maneira de promover a prática de exercícios físicos, atenuar o sedentarismo e prover a população do Capivari com um equipamento de lazer. Nesse sentido, liberar seu uso para toda a comunidade também é uma maneira de estimular a convivência intergeracional e permite, por exemplo, que idosos participem de brincadeiras que outrora lhe traziam alegria (AMANCIO; ALBUQUERQUE, 2022).

Além de questões diretamente ligadas ao ambiente físico, a integração da EEB Intendente José Fernandes com o Espaço Kairós também passa por questões mais subjetivas que vão além dos muros da escola. Nesse sentido, a proposta é que as atividades e oficinas oferecidas pelo centro façam parte de um projeto de extensão da escola, servindo de apoio para estudantes no contraturno escolar e fomentando ainda mais a convivência entre pessoas de diferentes idades.

#### HORTA COMUNITÁRIA

Durante a concepção do projeto, busquei formas de tornar o ambiente natural um elemento de participação ativa do Espaço Kairós. Pensando nisso, proponho a horta comunitária: uma maneira de promover a integração com a natureza e de fazer do parque um ambiente de aprendizado. A ideia é que a horta seja uma das atividades oferecidas pelo Centro de Convivência e faça do projeto de extensão da escola, de modo a estimular o encontro entre os velhos e jovens.

Diversos estudos falam sobre os benefícios do contato humano com a terra. Rolim et al. (2022) lembram que o contato com a natureza pode potencializar o desenvolvimento do universo cognitivo, psicossocial e motor das pessoas. Sobre isso, a horticultura pode auxiliar no entendimento de ciclos naturais, na compreensão de ritmos, na consciência alimentar, no aguçamento de sentidos e no exercício da paciência. Ainda, em um mundo contemporâneo marcado pelo dinamismo nas transformações, a jardinagem pode ser um convite para desacelerar e contemplar processos. Nesse sentido, ela pode ser considerada terapêutica.

Os alimentos produzidos na horta comunitária serão disponibilizados para a toda a comunidade. Ainda, sua localização, nos fundos do terreno, é uma maneira de estimular as pessoas a atravessarem o terreno e conhecerem o espaço. Assim, a horta pode tornar-se um ponto de encontro para a comunidade do Capivari, que poderá colher o que é cultivado pelos participantes desse projeto.

Trago também outros pontos de interesse localizados no parque

- **ESPAÇO PARA A REALIZAÇÃO DE FEIRAS** onde serão expostos, vendidos ou doados produtos feitos tanto pela população, quanto pelos participantes das atividades do Espaço Kairós. Dessa maneira, trago visibilidade ao Centro de Convivência e às atividades intergeracionais ali realizadas.
- **ESPELHOS D'ÁGUA** espalhados pelo parque e integrados ao paisagismo.

### comércio e serviços

Esse setor é pensado para complementar os espaços abertos e também servir de apoio para as atividades intergeracionais e moradia de idosos. Assim, inclui no programa pequenos comércios que, além de dinamizar a economia local, são uma forma de atrair pessoas para o espaço.

Para além do comércio, identifiquei outra necessidade programática: módulos de serviços comunitários que atendam tanto aos moradores, quanto aos inscritos nos programas intergeracionais. Esses serviços visam o amparo dos idosos em esferas referentes à saúde física, autoestima e bem estar. Ainda, implantar esses serviços fora do da moradia ou do espaço de oficinas é uma maneira de estimular a vida comunitária dos velhos, incentivando que eles circulem pelo parque.

Por fim, incluo no programa um restaurante popular que fornecerá refeições a preços acessíveis aberto à comunidade. Além de contribuir para a segurança alimentar da população, os restaurantes populares também são um instrumento de articulação comunitária. O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (2004) afirma que Restaurantes populares também devem oferecer atividades que contribuam para a inclusão social, e, nesse sentido, a horta comunitária pode servir de apoio ao equipamento e promover atividades de educação alimentar. Além disso, o restaurante popular também é uma forma de atrair o público para o terreno e contribuir para a vitalidade do espaço. E, mais ainda, considerada a alta quantidade de comércios (e trabalhadores) existentes nos arredores do terreno de intervenção, incluir um restaurante popular no programa parece ser coerente e atender às demandas das pessoas.

#### PRINCIPAIS AMBIENTES DO SETOR DE COMÉRIO E SERVIÇOS:

- RESTAURANTE POPULAR
- CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO, MÉDICO E PSICOLÓGICO
- ACADEMIA E FISIOTERAPIA
- MERCADO HORTIFRÚTI
- SALÃO DE BELEZA
- CANTINA

### espaço de oficinas

Esse setor abriga salas multiuso para a realização de oficinas que visam o aprendizado no âmbito da educação não formal e a inclusão social do idoso, visto que são uma forma de estimular que eles saiam de suas casas. Para tanto, diversas salas multiuso abrigam aulas de música, teatro, artes, culinária, dança, ioga, informática, costura e etc: as possibilidades são muitas para garantir a liberdade de usos e atividades dentro do setor, de modo a atender à todos.

Além de abrigar oficinas intergeracionais, as salas multiuso também poderão ser utilizadas para atividades exclusivas aos idosos. Essa é uma maneira de garantir que os velhos tenham oportunidade de desenvolver um senso de identidade grupal e, além disso, vai ao encontro das vontades dos idosos com quem conversei na Parte I desse trabalho.

Ainda, para complementar a infraestrutura insuficiente da EEB Intendente José Fernandes, esse setor servirá de apoio à instituição. Assim, além do incentivo à participação em oficinas intergeracionais, as salas e demais espaços desse setor poderão ser utilizadas por alunos e professores da escola. Essa é uma de incentivar a convivência intergeracional tanto nas oficinas, como nos demais ambientes.

#### PRINCIPAIS AMBIENTES DO ESPAÇO DE OFICINAS:

- SALAS MULTIUSO PARA OFICINAS
- ÁREA PARA FUNCIONÁRIOS E ADMINISTRAÇÃO
- BIBLIOTECA
- ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES
- ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA
- ESPAÇO PARA APRESENTAÇÕES

### moradia para idosos

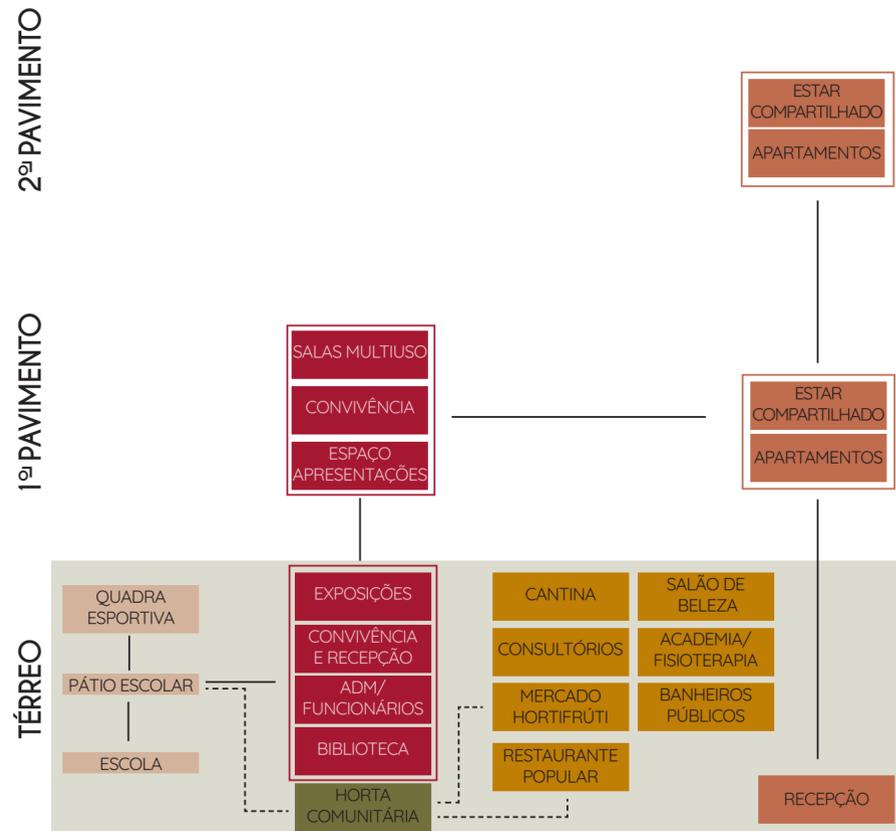
A moradia para idosos é pensada para que apenas seus moradores, eventuais visitantes e funcionários tenham acesso. Essa decisão foi tomada pois, apesar do Espaço Kairós buscar a integração entre diferentes gerações, é importante que as individualidades, necessidades e características dos grupos sejam respeitadas.

Assim, a moradia de idosos apresenta-se como uma forma de amparo aos velhos que escolheram (ou precisaram) sair de suas antigas residências. A edificação, através do programa arquitetônico e da qualidade espacial, busca quebrar estereótipos existentes com relação à ILPIs para idosos e é um convite para pensarmos em novas formas de morar para a população idosa. Dessa maneira, evita-se a atmosfera hospitalar e busca-se valorizar as relações de vizinhança entre os moradores, além de sua integração com a comunidade através dos espaços comuns e das atividades intergeracionais oferecidas em outro setor.

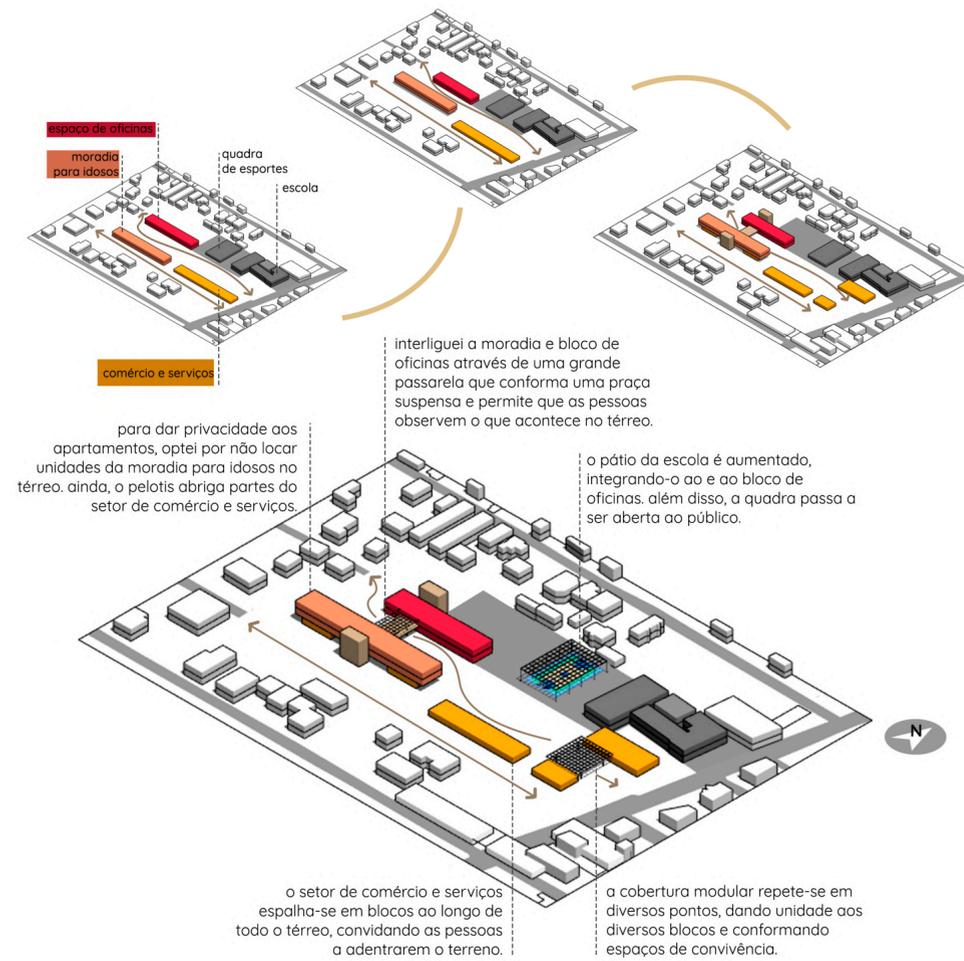
#### PRINCIPAIS AMBIENTES DA MORADIA PARA IDOSOS:

- APARTAMENTOS SIMPLES E DUPLOS, com 1 ou 2 suítes + cozinha + sala
- ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA COMUNS PARA MORADORES
- LAVANDERIA COMPARTILHADA
- LIGAÇÃO DIRETA COM O ESPAÇO DE OFICINAS

### F.36: FLUXOGRAMA DE USOS PRINCIPAIS



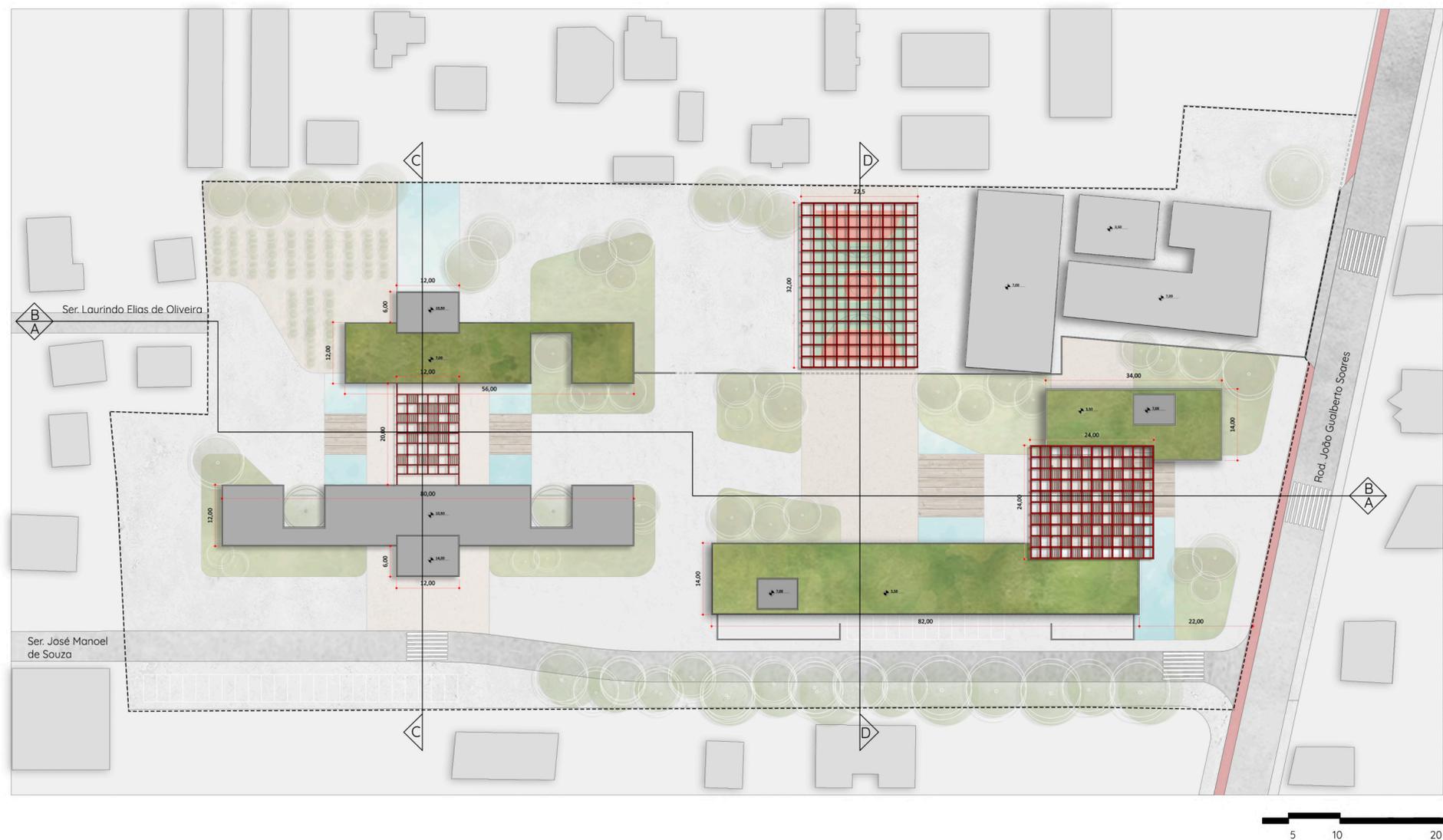
### F.33: O PARTIDO ARQUITETÔNICO



Ao longo de todo o processo projetual, utilizei maquetes físicas para propor as volumetrias gerais e a forma como ocuparia meu terreno e relacionaria as edificações. Nesses esquemas, represento algumas das volumetrias que desenvolvi ao longo do exercício de projeto.

# PARTE III

## O PROJETO



IMPLANTAÇÃO | escala 1:750



Relação do espaço com a Rodovia João Gualberto Soares. Ao lado, a EEB Intendente José Fernandes.



Relação do espaço com a Rodovia João Gualberto Soares. Ao lado, a EEB Intendente José Fernandes.



A escola, a Rodovia João Gualberto Soares e o principal acesso do Espaço Kairós.



A via proposta e as áreas de cobogós do mercado e do restaurante, pensadas para servir de apoio aos serviços de abastecimento de insumos e recolhimento de resíduos dos estabelecimentos.

Nas áreas mais próximas da Rodovia João Gualberto Soares, localizei usos mais comerciais do programa: cantina, salão de beleza e mercado hortifrúti. Adentrando um pouco o terreno, encontra-se o restaurante popular. Esse é um equipamento que deve atrair bastante gente para o Espaço Kairós, visto que a Rodovia João Gualberto Soares é bastante comercial e muita gente passa o dia trabalhando nos arredores. Sendo assim, localizei o restaurante no centro do terreno como uma forma de induzir mais pessoas a adentrarem o espaço da praça.

Propus também uma nova via, que interliga a Rodovia João Gualberto Soares com a Servidão José Manoel de Souza. Esse eixo possibilita que automóveis acessem o mercado, o restaurante e a moradia e, nesse sentido, serve de apoio para esses estabelecimentos. Além disso, é ao longo dessa via que estão as vagas para estacionamento. Também proponho algumas ligações intermediárias da via com a parte central do terreno, onde acontece a maior parte dos usos abertos do térreo.

Por fim, 3 grandes coberturas metálicas permeiam o terreno: uma logo na entrada, outra sobre a quadra esportiva da escola e a última sobre uma passarela que interliga os blocos de oficina e moradia para idosos.



Para a proposta de paisagismo, demarqueei as principais áreas verdes, espelhos d'água e pisos. Crio diversos ambientes ao longo do percurso da praça. Utilizo árvores frondosas para sombrear o terreno e, por vezes, torno a vegetação parte integrante das edificações, fomentando o contato das pessoas com a natureza. Ainda sobre a relação com recursos naturais, os espelhos d'água propostos, acompanhados de decks, possibilitam que pessoas de diversas idades explorem o caráter lúdico desse elemento.

Através da diferenciação de pisos, demarco 3 áreas de interesse do Espaço Kairós que, não coincidentemente, são acompanhadas de coberturas metálicas. A primeira é logo na entrada e garante sombreamento para os comércios que se localizam nessa parte do terreno, conformando uma área convidativa ao pedestre e que possibilita a realização de eventos como feiras. A segunda demarcação no piso centraliza a quadra esportiva da escola e a entrada do restaurante popular, dois pontos de interesse importantes do programa. Por fim, a terceira faixa de piso demarca a entrada do bloco de oficinas e da moradia para idosos.

Nos fundos do terreno, próximo à Servidão Laurindo Elias de Oliveira, posiciono também a horta comunitária. Optei por localizar a horta nesse ponto por conta da proximidade com a moradia para idosos e com o bloco de oficinas. Além disso, esse é um ambiente do Espaço Kairós que possui uma atmosfera mais calma ao mesmo tempo em que as pessoas já passam naturalmente por ali a fim de acessar as ruas de trás.

## AMBIENTES

1. Espaço de oficinas
2. Comércio e serviços
  - 2.1 Consultórios
  - 2.2 Academia e fisioterapia
  - 2.3 Restaurante popular
  - 2.4 Mercado hortifrúti
  - 2.5 Salão de beleza
  - 2.6 Cantina
  - 2.7 Banheiros e vestiários abertos ao público
3. Moradia para idosos
  - 3.1 Recepção



A cobertura que recebe as pessoas no Espaço Kairós.



A extensão do pátio da escola.



A quadra esportiva da escola. É dada a possibilidade de abrirem-se os portões em momentos oportunos, como aos finais de semana.



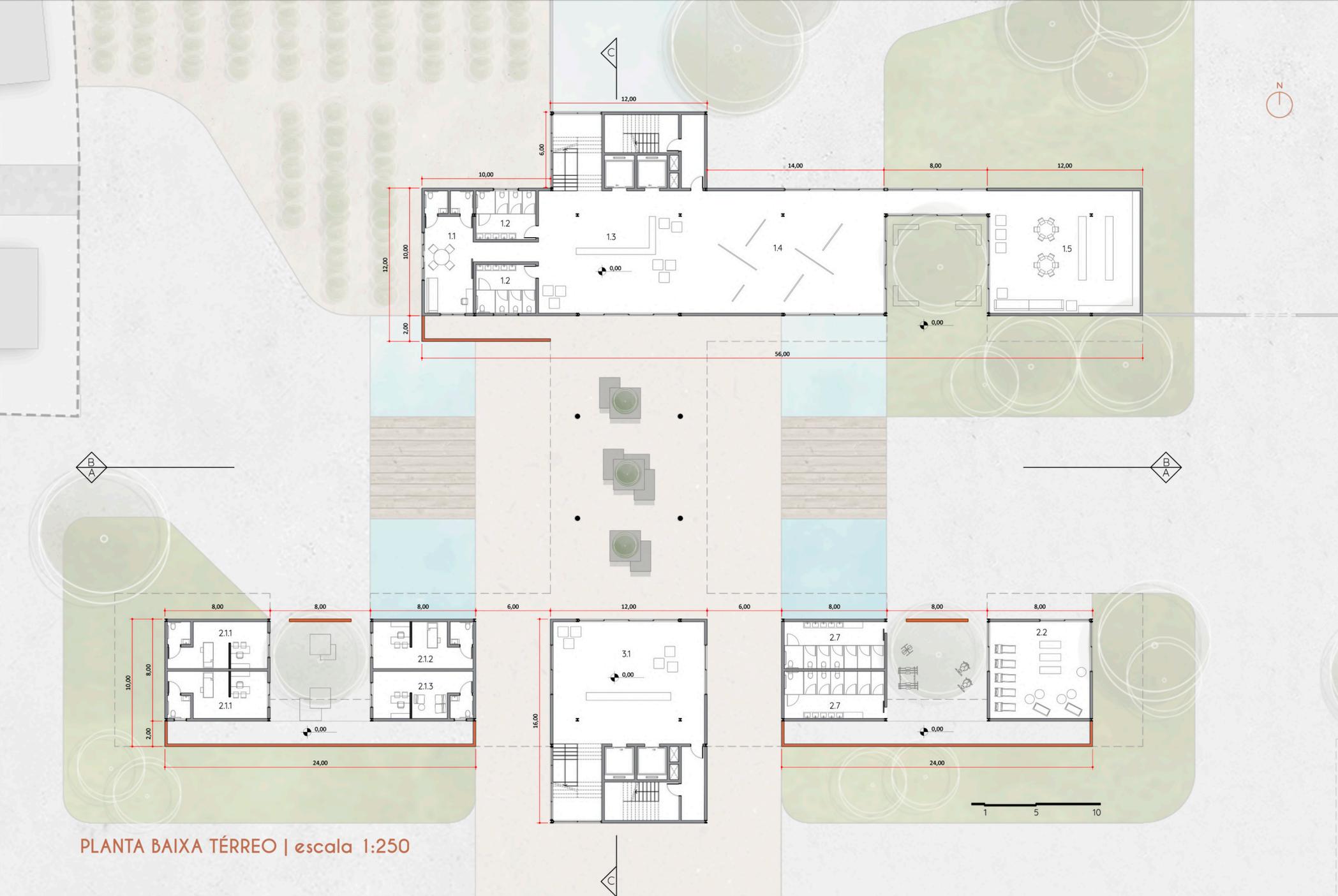
A extensão do pátio da escola, conectada ao Espaço de Oficinas.



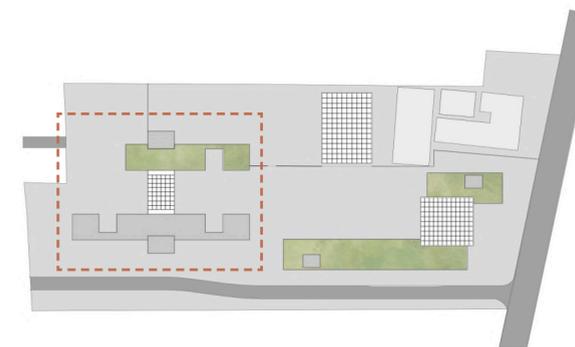
A extensão do pátio da escola.



A horta comunitária.



PLANTA BAIXA TÉRREO | escala 1:250



## AMBIENTES

### 1. Espaço de oficinas

- 1.1 Administração/funcionários **aprox 36,5m<sup>2</sup>**
- 1.2 Banheiros **aprox 17,8m<sup>2</sup> cada**
- 1.3 Recepção/convivência **aprox 198m<sup>2</sup>**
- 1.4 Exposições **aprox 132,6m<sup>2</sup>**
- 1.5 Biblioteca **aprox 112,4m<sup>2</sup>**

### 2. Comércio e serviços

- 2.1 Consultórios
  - 2.1.1 Consultório médico **aprox 28,8m<sup>2</sup>**
  - 2.1.2 Consultório odontológico **aprox 28,8m<sup>2</sup>**
  - 2.1.3 Consultório psicológico **aprox 28,8m<sup>2</sup>**
- 2.2 Academia e fisioterapia **aprox 62m<sup>2</sup>**
- 2.7 Banheiros e vestiários abertos ao público **aprox 62m<sup>2</sup>**

### 3. Moradia para idosos

- 3.1 Recepção **aprox. 184m<sup>2</sup>**

## TÉRREO



A entrada do bloco de oficinas (esquerda) e da moradia para idosos (direita) localizam-se em frente uma da outra, sob a passarela que interliga os blocos no pavimento superior. A centralização dessas entradas foi uma maneira de facilitar a legibilidade do espaço e a orientação espacial.



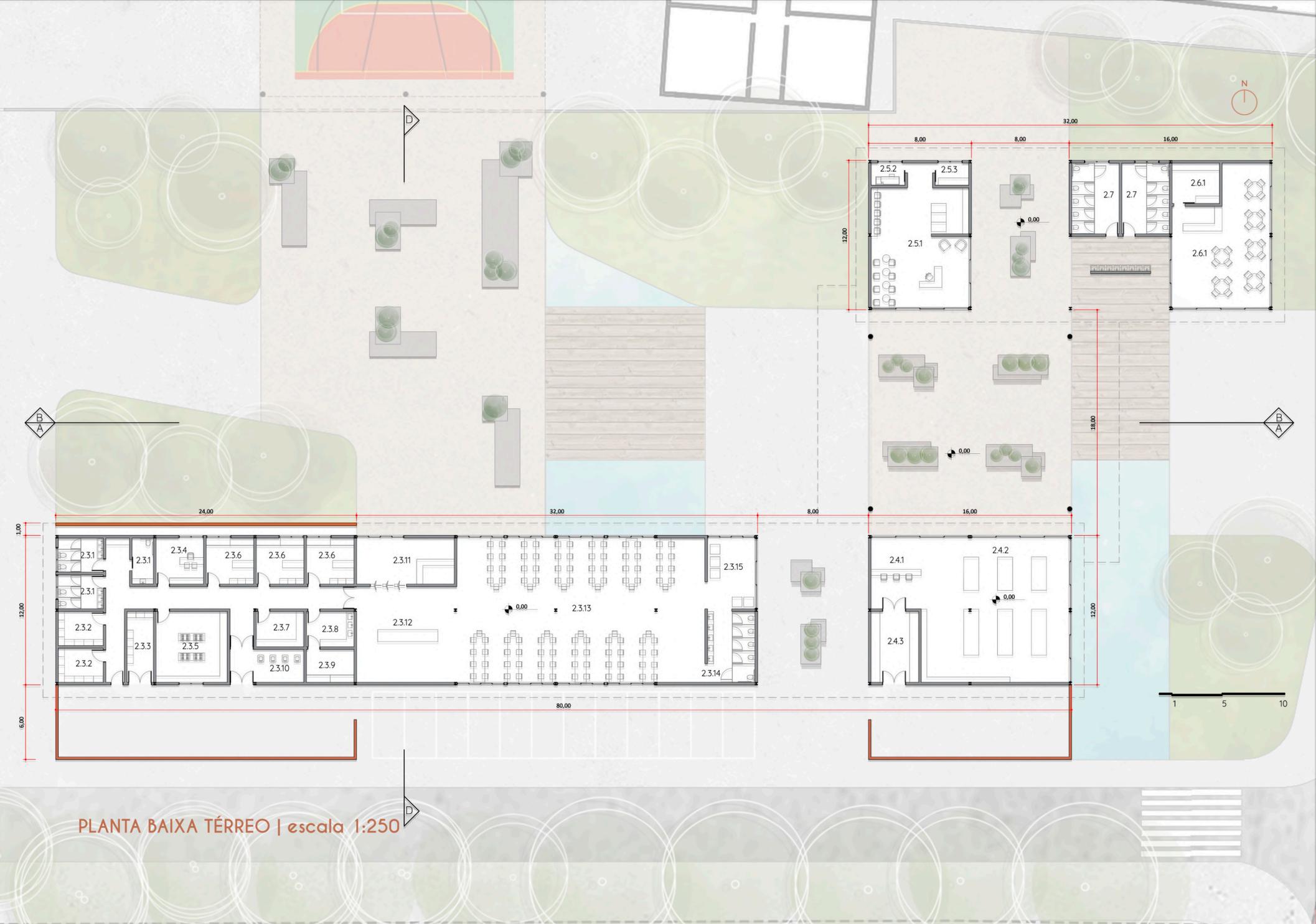
Os consultórios estão localizados abaixo da moradia. Ainda, o acesso para as salas é feito através de um pequeno pátio, localizado atrás da parede de cobogós. Esse pátio é uma forma de garantir privacidade às pessoas que estão indo para alguma consulta. Por conta desse caráter mais íntimo dos consultórios, optei por não localizar aberturas voltadas para o centro do terreno. Acima, as unidades da moradia voltam-se para o centro do terreno e contam com grandes varandas que permitem que os moradores observem o que acontece na praça.



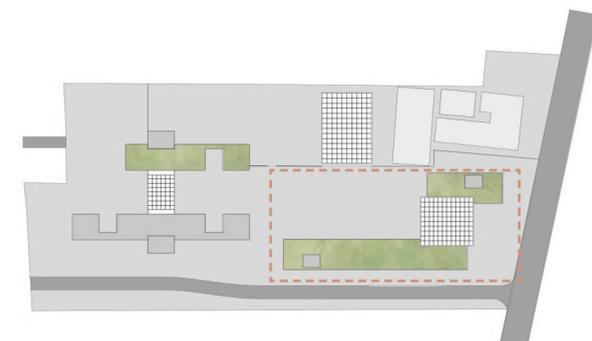
O térreo do bloco de oficinas, aberto tanto para o centro do terreno quanto para a extensão do pátio da escola. Aqui localizam-se espaço de exposições, biblioteca e alguns estares. Através do recorte na volumetria, a vegetação torna-se parte integrante da edificação.



No térreo do bloco de moradia também está localizada a academia/ fisioterapia e banheiros e vestiários abertos ao público. Cobogós criam um pátio mais íntimo, que funciona como uma extensão da academia e onde podem ser realizados exercícios ao ar livre.



PLANTA BAIXA TÉRREO | escala 1:250



## AMBIENTES

### 2. Comércio e serviços

- 2.3 Restaurante popular **aprox 645m<sup>2</sup>**
- 2.4 Mercado Hortifrúti **aprox 183,3m<sup>2</sup>**
  - 2.4.1 Caixas
  - 2.4.2 Produtos
  - 2.4.3 Depósito
- 2.5 Salão de beleza **aprox 90,5m<sup>2</sup>**
  - 2.5.1 Serviços gerais
  - 2.5.2 Serviços íntimos
  - 2.5.3 Depósito
- 2.6 Cantina **aprox. 90,5m<sup>2</sup>**
  - 2.6.1 Salão geral
  - 2.6.2 Cozinha
- 2.7 Banheiros públicos **aprox 21,6m<sup>2</sup> cada**

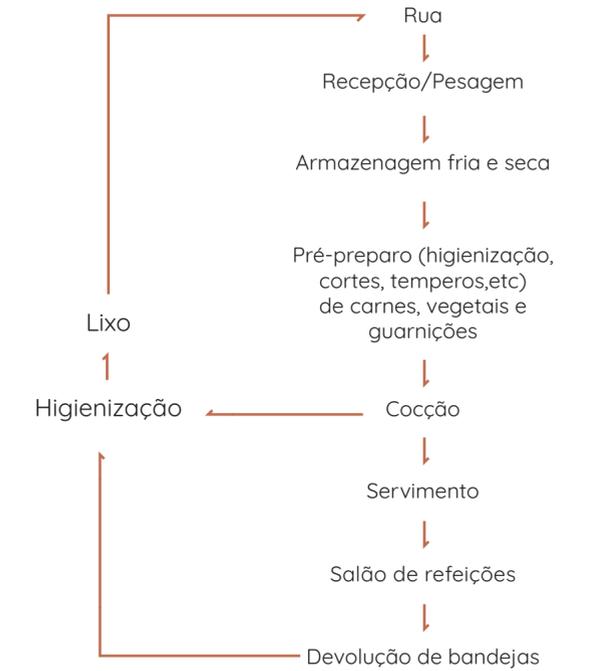
Para o projeto do restaurante popular, consultei os parâmetros de Silva Filho (1996), que organiza o programa desse tipo de estabelecimento em 4 setores principais: **administração e estocagem (a)**, **cozinha (b)**, **refeitório (c)** e **áreas auxiliares (d)**. Ainda, utilizei o Manual do Programa Restaurante Popular (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, 2014) para compreender o arranjo funcional dos espaços e como eles se relacionam. A seguir, faço uma relação dos ambientes e traço o fluxo do preparo e servimento de refeições que justificam a divisão espacial do restaurante.

#### 2.3 Restaurante popular

- 2.3.1 Banheiros para funcionários (a)
- 2.3.2 Armazenagem (fria e seca) (a)
- 2.3.3 Recepção e pesagem (a)
- 2.3.4 Administração e nutricionista (a)
- 2.3.5 Cocção (b)
- 2.3.6 Pré-preparo de carnes, vegetais e guarnições (b)
- 2.3.7 Almojarifado (a)
- 2.3.8 Higienização (b)
- 2.3.9 Recepção de bandejas usadas (b)
- 2.3.10 Depósito de lixo (b)
- 2.3.11 Recepção e bilheteria (d)
- 2.3.12 Servimento de refeições (c)
- 2.3.13 Salão de refeições (c)
- 2.3.14 Banheiros e lavatórios (c)
- 2.3.15 Saída/estar (d)

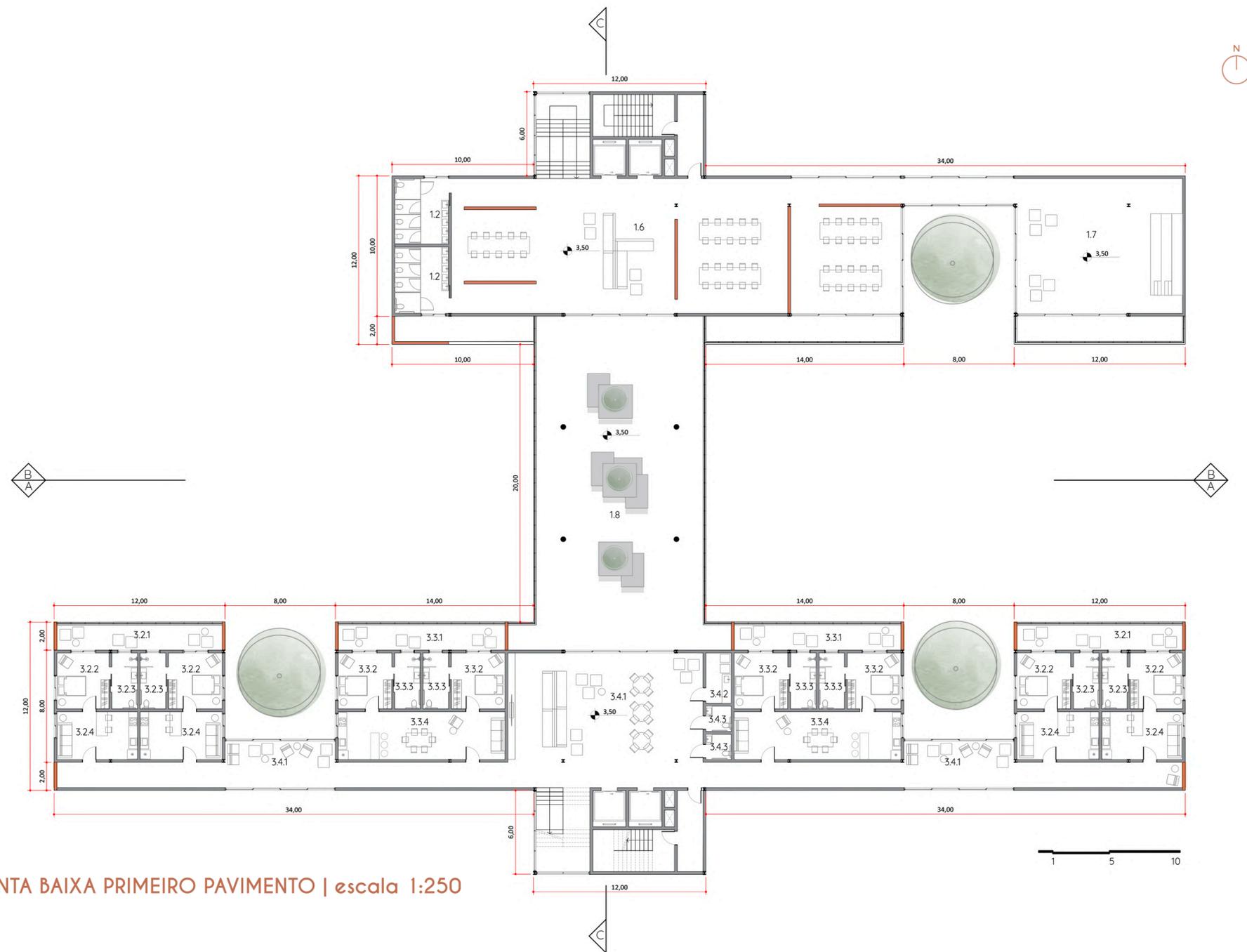


A entrada do restaurante popular, localizada em um ponto central do terreno. Os cobogós dão privacidade para áreas mais técnicas do restaurante, além de servir como proteção solar sem impedir a ventilação.

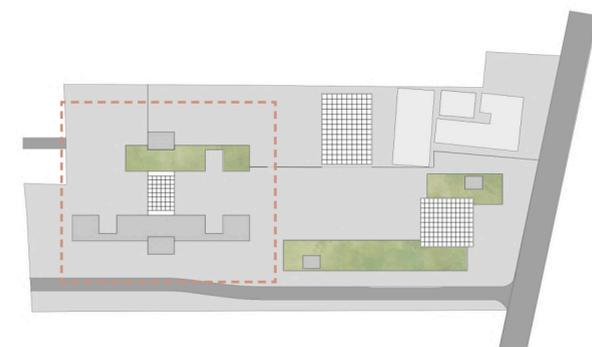


A cantina, localizada logo na entrada do terreno, e, sob a cobertura metálica, a entrada do mercado hortifrúti, do salão de beleza e de banheiros públicos.

## TÉRREO



PLANTA BAIXA PRIMEIRO PAVIMENTO | escala 1:250



### AMBIENTES

- 1. Espaço de oficinas
  - 1.2 Banheiros **aprox. 18m<sup>2</sup> cada**
  - 1.6 Convivência e salas de oficina multiuso **aprox 376m<sup>2</sup>**
  - 1.7 Espaço para apresentações **aprox. 112,5m<sup>2</sup>**
  - 1.8 Passarela suspensa **aprox. 287,8m<sup>2</sup>**
  
- 3. Moradia para idosos
  - 3.2 Apartamento tipo 01 **aprox. 56m<sup>2</sup>**
    - 3.2.1 Varanda
    - 3.2.2 Dormitório
    - 3.2.3 Banheiro
    - 3.2.4 Cozinha e sala
  - 3.3 Apartamento tipo 02 **aprox. 112m<sup>2</sup>**
    - 3.3.1 Varanda
    - 3.3.2 Dormitório
    - 3.3.3 Banheiro
    - 3.3.4 Cozinha e sala
  - 3.4 Espaços compartilhados **aprox. 337,5m<sup>2</sup>**
    - 3.4.1 Estar
    - 3.4.2 Lavanderia
    - 3.4.3 Banheiros

### PRIMEIRO PAVIMENTO



De um lado, o primeiro pavimento localiza metade dos apartamentos da moradia para idosos. De outro, no bloco de oficinas, estão as salas multiuso e um espaço para a realização de apresentações ou palestras. Interligando os dois blocos, a passarela suspensa.



A passarela permite que os moradores tenham um acesso fácil à atividades que fomentam a convivência com outras gerações e, nesse sentido, também é uma forma de favorecer a integração comunitária dos idosos. A localização da passarela, no segundo pavimento, permite que as pessoas observem o que acontece no térreo sem perderem a escala humana das pessoas. Assim, esse espaço também pode funcionar como um estímulo para que, ao verem a praça conformada pelo térreo, desafiem-se a usufruir do espaço e participar do convívio comunitário.



A passarela funciona como uma espécie de praça suspensa, com mobiliário urbano e vegetação. Além disso, a cobertura metálica vermelha, que repete-se em alguns pontos do projeto proporciona um espaço de sombras e gera um jogo de cheios e vazios.

O acesso ao pavimento superior do bloco de oficinas é feito através de escadas e de dois elevadores que facilitam a locomoção de idosos com mobilidade reduzida. Com relação às salas multiuso, optei por deixá-las abertas e dividi-las através de planos de parede que delimitam espaços sem engessá-los. Durante minhas conversas com idosos apresentadas na Parte I desse trabalho, os entrevistados me relataram uma variedade bastante grande de atividades que gostam de realizar em seus encontros com grupos de convivência e, por conta disso, não pré-defini usos para os espaços de oficinas. Deixei o espaço flexível para o atendimento das demandas de quem usa o espaço. Além disso, a disposição desses ambientes também fomenta mais interações entre as pessoas e pode incentivá-las a participar das oficinas. Ainda, a sala de apresentações conta com uma pequena arquibancada e planta bastante livre, para possibilitar que sejam realizadas atividades de expressão corporal, como teatro e dança.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA E MATERIALIDADE

Por conta dos grandes vãos propostos no projeto com o intuito de obter uma planta livre e flexível, optei por utilizar vigas e pilares metálicos no projeto. Para o pré-dimensionamento das estruturas, utilizei os ábacos de Yopanan (2000). Assim, trabalho com uma estrutura modular que, de maneira geral, organiza-se em uma malha de 8m x 8m. Ainda, para as coberturas, proponho um sistema de grelhas de vigas com modulação aproximada de 2m x 2m e que, hora ou outra, recebem pergolados de madeira criando um jogo de cheios e vazios. Por fim, a cor das estruturas metálicas, pintadas em vermelho, foi escolhida considerando os pilares da EEB Intendente José Fernandes, que segue os padrões construtivos e estéticos de escolas estaduais de Santa Catarina.

Com relação às lajes, optei por utilizar lajes alveolares. Essa escolha foi feita baseada na facilidade desse sistema em vencer os vãos do projeto. Ainda, esse tipo de laje possibilita uma construção mais limpa e, além disso, por conta dos alvéolos são estruturas mais leves e que utilizam menos concreto do que lajes maciças em sua fabricação.

Também proponho telhados verdes sobre os blocos de oficinas e de comércio e serviços. Além de apresentarem a possibilidade de captação de água da chuva que poderia ser reutilizada para outros fins, esses telhados auxiliam no desempenho termoacústico da edificação: amenizam o ganho de calor e criam uma proteção contra ruídos externos. Além disso, são sustentáveis e fomentam mais ainda o contato com a natureza, que é uma das diretrizes desse projeto.

Para contrastar com o concreto aparente que predomina nas edificações, proponho planos de cobogós em diversos momentos do projeto. Utilizo-os para marcar ambientes, compor fachadas, dar privacidade à espaços, bem como permitir a ventilação e a entrada de luz controlada nas edificações. Além disso, esses tijolos são muito populares na arquitetura brasileira e, nesse sentido, podem trazer um sentimento de familiaridade aos idosos, promovendo sua identificação com o ambiente.

São dois pavimentos voltados para a moradia de idosos, totalizando aproximadamente 40 moradores. As circulações são feitas através de dois elevadores e uma escada e os pavimentos são iguais, com exceção da ligação com o bloco de oficinas, que ocorre somente no primeiro pavimento.

Com relação à disposição dos ambientes, optei por abrir todos os apartamentos para a fachada norte, onde localizam-se varandas compartilhadas e delimitadas por cobogós. Essas varandas são uma forma de fomentar a relação de vizinhança e facilitar as relações interpessoais dos moradores. Além disso, barram a entrada de sol excessiva nos quartos nos meses mais quentes do ano ao mesmo tempo em que permitem a entrada de raios solares no inverno.

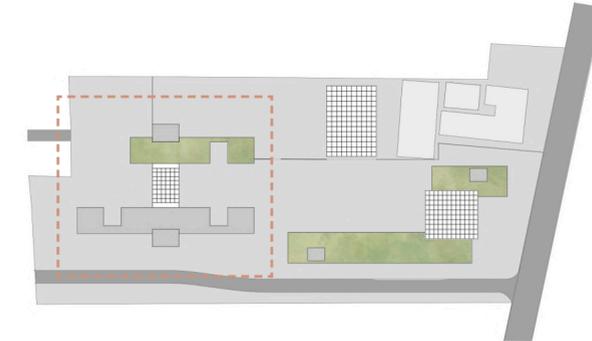
Localizei as circulações na fachada sul da moradia, que é menos privilegiada. No entanto, por serem corredores compridos, criei ambientes de estar ao longo dos corredores e coloquei aberturas voltadas para o também para o norte. aqui, os moradores podem se reunir. No entanto, por serem corredores compridos, criei alguns ambientes de estar ao longo desses corredores, onde os moradores também podem se reunir com seus vizinhos de apartamento.

Com relação às unidades habitacionais, proponho dois tipos de apartamentos completamente acessíveis: um deles é composto por quarto, banheiro e sala e cozinha integradas, abrigando até dois moradores. Outro tipo é composto por dois quartos, dois banheiros e sala e cozinha mais amplas, abrigando até quatro moradores. Optei por deixar os apartamentos compactos e completos a fim de assegurar a privacidade dos idosos. Ainda, vale ressaltar que a planta é uma proposta, mas os moradores podem personalizar seus espaços da maneira como quiserem, tornando o ambiente mais acolhedor e dócil.

Por fim, no centro de cada pavimento da moradia está a área de estar compartilhado. Esse ambiente permite que os moradores convivam e desenvolvam laços afetivos. Os grandes estares compartilhados propostos são uma forma de atender às demandas dos idosos com quem conversei e também evitam o caráter hospitalar muitas vezes atrelado à moradia para idosos.

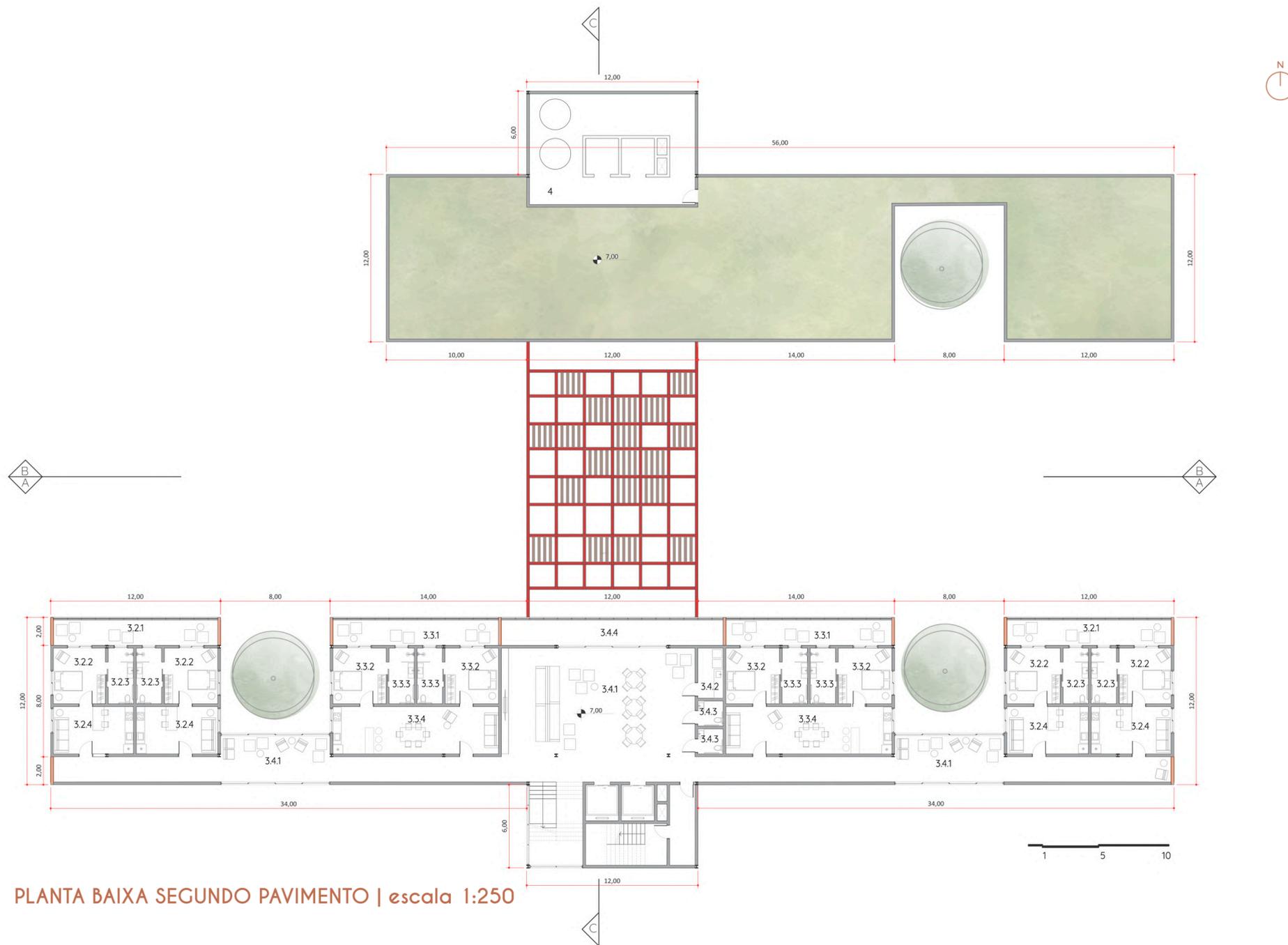


O bloco de moradias aberto ao centro do terreno.



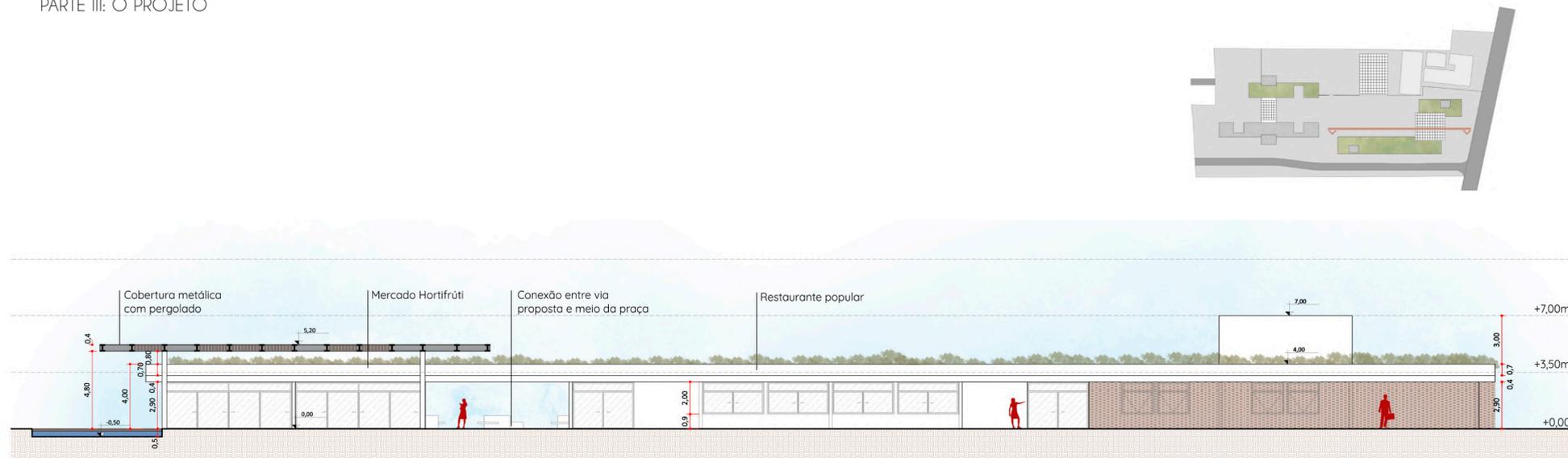
## AMBIENTES

- 3. Moradia para idosos
  - 3.2 Apartamento tipo 01 **aprox. 56m<sup>2</sup>**
    - 3.2.1 Varanda
    - 3.2.2 Dormitório
    - 3.2.3 Banheiro
    - 3.2.4 Cozinha e sala
  - 3.3 Apartamento tipo 02 **aprox. 112m<sup>2</sup>**
    - 3.3.1 Varanda
    - 3.3.2 Dormitório
    - 3.3.3 Banheiro
    - 3.3.4 Cozinha e sala
  - 3.4 Espaços compartilhados **aprox. 337,5m<sup>2</sup>**
    - 3.4.1 Estar
    - 3.4.2 Lavanderia
    - 3.4.3 Banheiros
    - 3.4.4 Sacada
- 4. Áreas técnicas **aprox 94,5 m<sup>2</sup>**

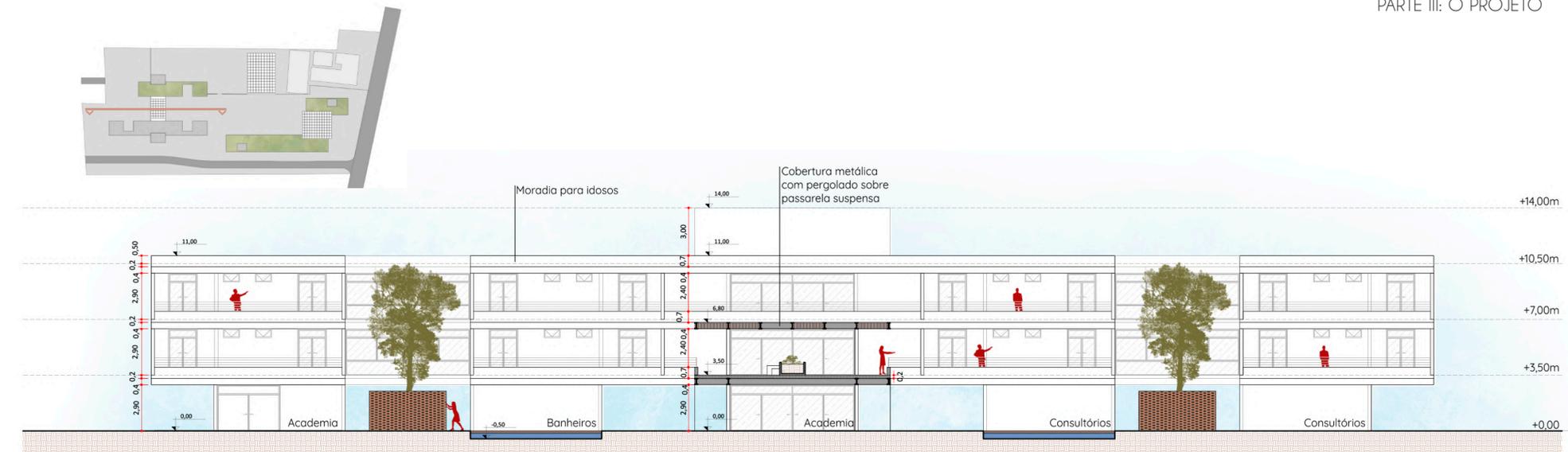


PLANTA BAIXA SEGUNDO PAVIMENTO | escala 1:250

## SEGUNDO PAVIMENTO



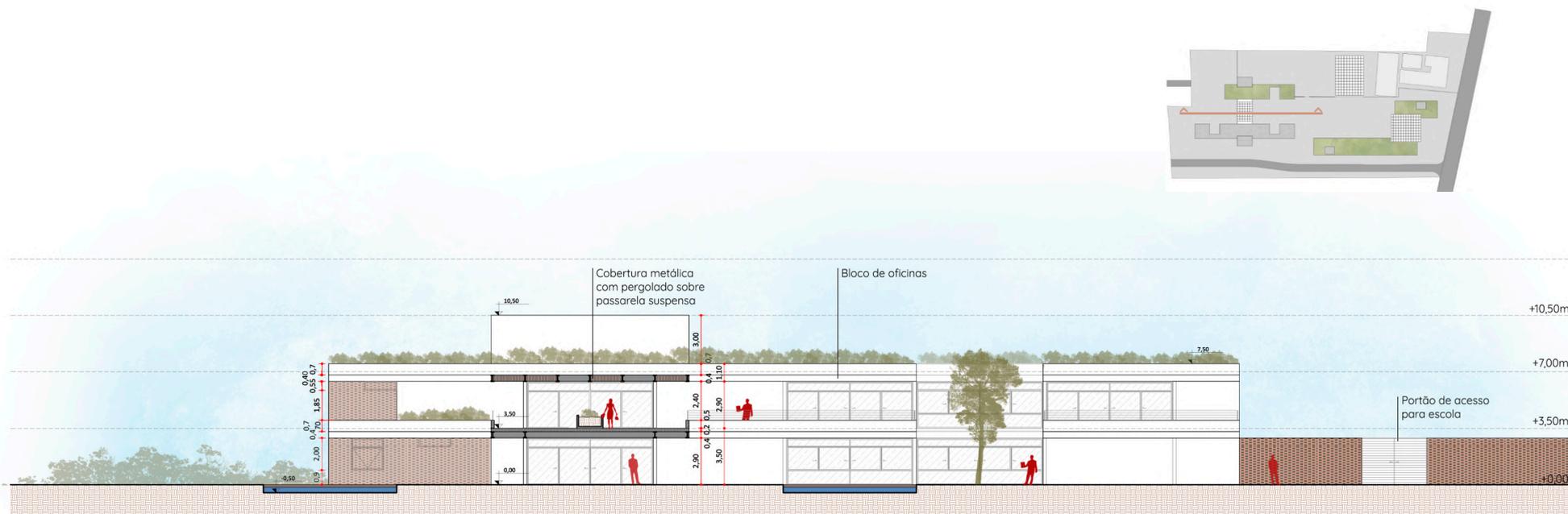
CORTE A | escala 1:250



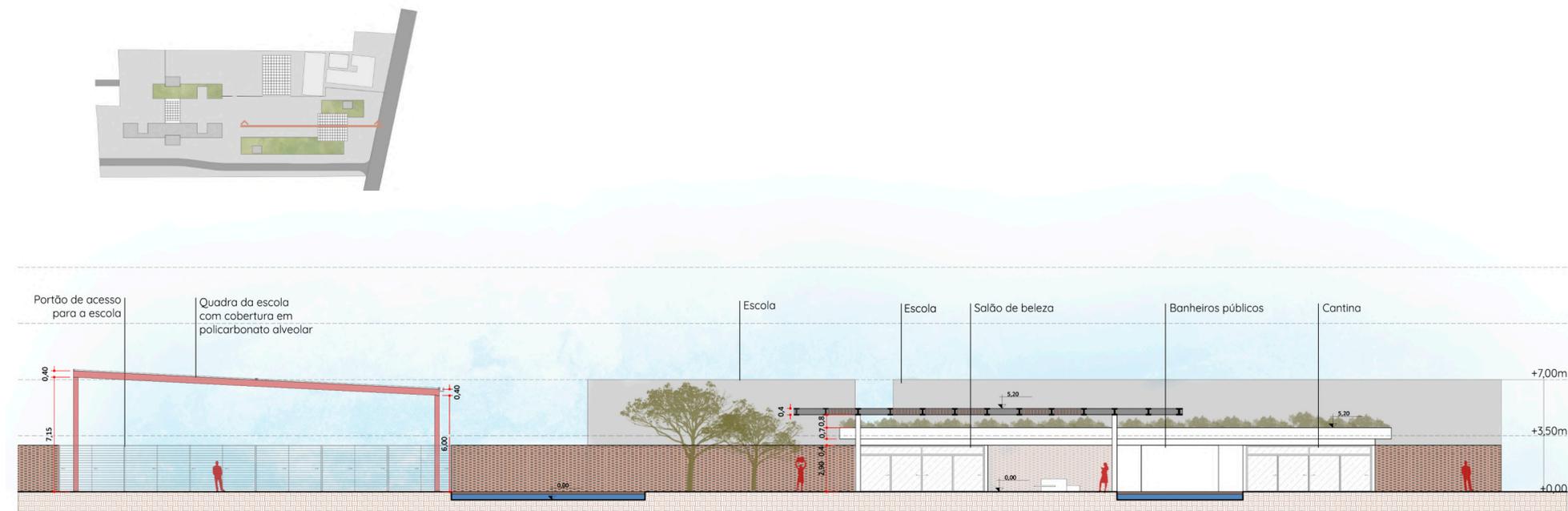
CORTE A | escala 1:250



CORTE A | escala 1:350



CORTE B | escala 1:250



CORTE B | escala 1:250



CORTE B | escala 1:350

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT (2004). NBR 9050. Norma Brasileira de Acessibilidade de Pessoas Portadoras de Deficiência às Edificações, Espaço Mobiliário e Equipamentos Urbanos. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas.

ALBUQUERQUE, Dayse da Silva et al. Contribuições teóricas sobre o envelhecimento na perspectiva dos estudos pessoa-ambiente. *Psicologia Usp*, [S.L.], v.29, n.3, p.442-450, dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420180142>.

ALCANTARA, Alexandre de Oliveira. Da Política nacional do idoso ao estatuto do idoso: a difícil construção de um sistema de garantias de direitos da pessoa idosa. In: ALCANTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMINI, Karla Cristina. Política Nacional do Idoso: novas e velhas questões. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. Cap. 14. p. 359-376.

ALMEIDA, V.L.V. Modernidade e Velhice. In: *Revista Serviço Social e Sociedade*, Ano XXIV, nº 75, Editora Cortez, 2003.

ALVES, Vicente Paulo; RIBEIRO, Paula R. de Oliveira. Envelhecimento e cuidados de longa duração. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v.12, n.3, p.299-308, 15 dez. 2015. UPF Editora. <http://dx.doi.org/10.5335/rbceh.v12i3.6002>.

AMANCIO, Denise Aparecida Rodrigues; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Docilidade Ambiental Como Aspecto De Promoção Da Saúde Integral. In: CONGRESSO INTERNACIONAL REDE UNIDA, 13, 2018, Manaus. Anais [...]. Manaus: Rede Unida, 2018.

AMANCIO, Denise Aparecida Rodrigues; ALBUQUERQUE, Dayse da Silva. Centros de convivência como espaços de cuidado aos idosos. In: HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; ALBUQUERQUE, Dayse da Silva (org.). *Cronologias na relação pessoa-ambiente*. Curitiba: Crv, 2022. p. 379-394.

BATISTONI, Samila Sathler Tavares. Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v.3, n.17, p.647-657, jul. 2014.

BEAUVOIR, Simone de. Introdução. In: BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.7-14.

BEAUVOIR, Simone de. Prefácio. In: BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.15-20.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1979. 400p.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

BRASIL, Lei nº 1074/2003. Estatuto do Idoso. Brasília: DF, Outubro de 2003.

BRASIL, Ministério da Previdência e Assistência Social Lei nº 8442. Política Nacional do Idoso. Brasília: DF, 4 de janeiro de 1994.

BRIGGS, E. *The Growing Season*. [Filme-Vídeo] Produção de Evan Briggs, Stephanie Wang-Breal e Carrie Weprin, direção de Evan Briggs. Seattle, 2017. 75min.

BURLÁ, Cláudia et al. Como estão sendo cuidados os idosos no final da vida? In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). *Cuidados de Longa Duração para a População Idosa: um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: Ipea, 2010. p.1-350.

CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e. Cuidados de longa duração no Brasil: o arcabouço legal e as ações governamentais. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). *Cuidados de Longa Duração para a População Idosa: um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: Ipea, 2010. p.1-350.

CAMARANO, Ana Amélia; SCHARFSTEIN, Eloisa Adler. Introdução. In: CAMARANO, Ana Amélia et al (org.). *Cuidados de Longa Duração para a População Idosa: um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: Ipea, 2010. p.1-350.

CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e. Introdução. In: CAMARANO, Ana Amélia et al (org.). *Cuidados de Longa Duração para a População Idosa: um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: Ipea, 2010. p.1-350.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara Ignes; ELALI, Gleice Azambuja. Ambientes para crianças pequenas. In: HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto et al (org.). *Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos*. Florianópolis: Edições do Bosque, 2019. p.73-86.

CRISTOPHE, Micheline; CAMARANO, Ana Amélia. Introdução. In: CAMARANO, Ana Amélia et al (org.). *Cuidados de Longa Duração para a População Idosa: um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: Ipea, 2010. p.1-350.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e o Curso da Vida Pós-Moderno. *Revista Usp*, São Paulo, v.42, p.70-83, ago. 1999.

DIREITOS dos Idosos: O que são e como surgiram? Direção de Projeto Equidade. [S.L.], 2022. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AI-qpYv4uxbo&t=423s>. Acesso em: 25 jul. 2022.

FEATHERSTONE, Mike. A velhice e o envelhecimento na pós modernidade. *A Terceira Idade*, São Paulo, v.14, n.1, p.5-18, ago. 1998.

FERRIGNO, José Carlos. *Coeducação entre gerações*. 2. ed. São Paulo: Sesc Sp, 2010. 256 p.

FERRIGNO, José Carlos. *Conflito e cooperação entre gerações*. São Paulo: Sesc Sp, 2017. 232 p.

FERRIGNO, José Carlos. *Programas intergeracionais no Brasil*. *A Terceira Idade: Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo, v.22, n.50, p.75-90, mar. 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIAS, M, C.; BERNARDI, J. L. As funções sociais da cidade. *Revista Direitos Fundamentais e democracia*, Curitiba, v.4, dez. 2008. Disponível em: <https://revistaelectronicardf.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/view/48> Acesso em: 21 nov. 2021.

GOMES JUNIOR, José de Souza; ELALI, Gleice Azambuja. Ambientes restauradores na adolescência. In: HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; ALBUQUERQUE, Dayse da Silva (org.). *Cronologias na relação pessoa-ambiente*. Curitiba: Crv, 2022. p.189-208.

GÜNTHER, Isolda de Araujo; ELALI, Gleice Azambuja. Docilidade Ambiental. In: (ORGANIZADORAS), Sylvia Cavalcante e Gleice Elali. *Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2018. Cap. 4. p.47-59.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: 2010.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2021*. Rio de Janeiro: 2021.

IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira*. 37. ed. Rio de Janeiro: Ibge, 2016.

LIMA, Cynthia et al. *Docilidade Ambiental em campus: cartilha para sensibilização*. Natal: Sediis-Ufrn, 2021. 46 p.

MARIOT, Vinicius. *A escola e a cidade: formação integral na comunidade Capivari/Ingleses* livro iii. 2019. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MINISTERIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE A FOME. *Manual do Programa Restaurante Popular*. Brasília, 2004, 71 p.

OLIVEIRA, Lisete Assen de Rio Vermelho no seu vir-a-ser cidade: estudo da dinâmica da organização espacial. *Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)* - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Paulo Salles de. *Vidas Compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1999.

Organização Mundial da Saúde (OMS). *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005. 61 p.

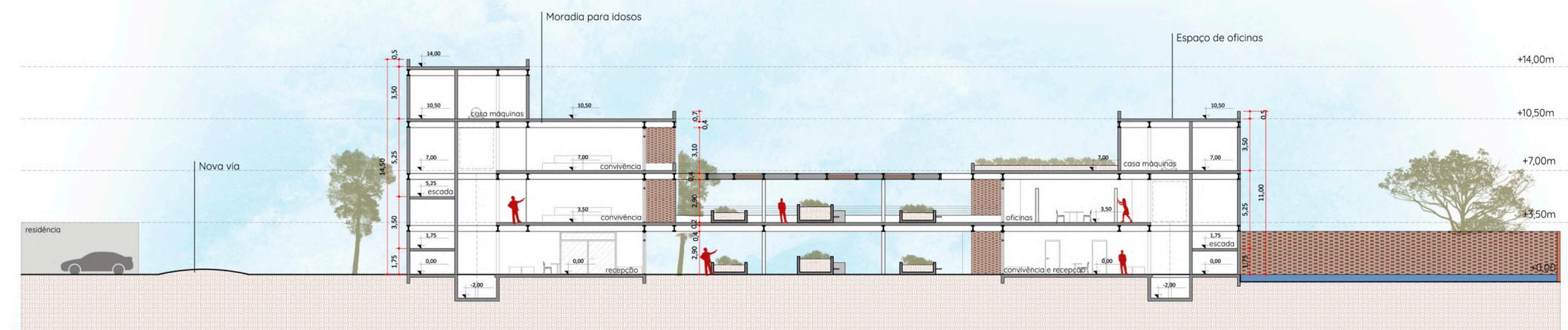
Organização Mundial da Saúde (OMS). *Guia Global: cidade amiga do idoso*. Brasília, 2008.

PEIXOTO, Clarice. *Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade*. In: BARROS, Myriam M.L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

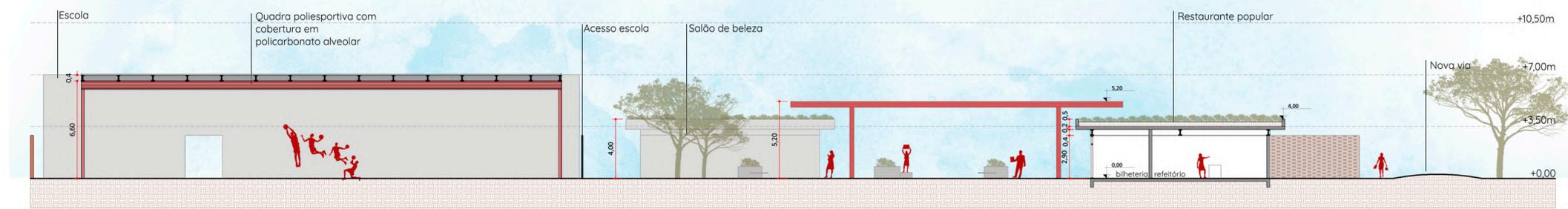
PROFICE, Christiana Cabiciere et al. Ambientes físicos verdes como espaços promotores de inter-relações potencializadoras do desenvolvimento infantil. In: HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; ALBUQUERQUE, Dayse da Silva (org.). *Cronologias na relação pessoa-ambiente*. Curitiba: Crv, 2022. p.33-46.

REBELLO, Yopanan C. P. *A concepção estrutural e a arquitetura*. São Paulo: Ziguarte, 2000. 270. p.

ROJAS, Vera Beatriz Freire. *Contribuições para o planejamento de ambientes construídos destinados à convivência de idosos*. 2005. 146 f. *Dissertação*



CORTE C | escala 1:250



CORTE D | escala 1:250

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- ROLIM, Ana Cláudia Araujo et al. Ambientes físicos verdes como espaços promotores de inter-relações potencializadoras do desenvolvimento infantil. In: HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; ALBUQUERQUE, Dayse da Silva (org.). Cronologias na relação pessoa-ambiente. Curitiba: Crv, 2022. p. 33-46.
- ROLNIK, Raquel. A cidade e o idoso. A Terceira Idade, São Paulo, v.14, n. 2, p. 45-50, ago. 1998.
- SADOWSKI, David. Ingleses do Rio Vermelho: forma urbana, espaços públicos e natureza. 2017. 185 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- SILVA FILHO, Antônio Romão A. da. Manual Básico para Planejamento e projeto de Restaurante e Cozinhas Industriais. São Paulo: Varela, 1996. 252p.
- SALGADO, Marcelo Antonio. Envelhecimento populacional: desafios do próximo milênio. A Terceira Idade, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 31-38, ago. 1998.
- SCHARFSTEIN, E. A. Instituições de longa permanência: uma alternativa de moradia para os idosos brasileiros na vida contemporânea. 2006. Tese (Doutorado) - UFRJ, Programa EICOS – Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro, 2006.
- SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Estudos de Psicologia (Campinas), [S.L.], v. 25, n. 4, p. 585-593, dez. 2008. FapUNIFESP (SciELO), <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-166x2008000400013>.
- SILVA, Janaína Carvalho da. Velhos ou idosos? A Terceira Idade. São Paulo: SESC-GETI, v.14, n.26, p. 94-111, jan. 2003.
- SIMÕES, Celso Cardoso da Silva. Relações Entre As Alterações Históricas Na Dinâmica Demográfica Brasileira E Os Impactos Decorrentes Do Processo De Envelhecimento Da População. 4. ed. Rio de Janeiro: Ibge, 2016. 116 p.
- Usher, Matthew. “Ao projetar para idosos, não olhe para o passado” [To Design for the Elderly, Don't Look to the Past] 30 Out 2018. ArchDaily Brasil. (Trad. Souza, Eduardo) Acessado 26 Jul 2022. <<https://www.archdaily.com.br/904924/ao-projetar-para-idosos-nao-olhe-para-o-passado>> ISSN 0719-8906
- ZATZ, Mayana; FRANÇA, Martha San Juan. O legado dos genes: o que a ciência pode nos ensinar sobre envelhecimento. São Paul: Objetiva, 2021. 160 p.

## LISTA DE FIGURAS

- F.01: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2010/12/16/piramide-etaria-brasileira/>
- F.02: RIO DE JANEIRO. IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira. 37. ed. Rio de Janeiro: Ibge, 2016.
- F.03: <https://www.freepik.com/>. Adaptação própria.
- F.04: <https://www.columbian.com/news/2015/jul/04/preschoolers-seniors-work-together-at-day-care-ins/>
- F.05: <https://www.sesce.org.br/2018/04/10/aula-sobre-tecnologia-encanta-as-criancas-de-surubim/>
- F.06: <https://neti.ufsc.br/page/20/>
- F.07, F.08 e F.09: [https://www.archdaily.com.br/br/761557/complexo-social-em-alcabideche-guedes-cruz-arquitectos?ad\\_source=search&ad\\_medium=projects\\_](https://www.archdaily.com.br/br/761557/complexo-social-em-alcabideche-guedes-cruz-arquitectos?ad_source=search&ad_medium=projects_)
- F.10, F.11, F.12 e F.13: <https://www.archdaily.com.br/br/760936/lar-de-idosos-peter-rosegger-dietger-wissounig-architekten>
- F.14, F.15, F.16, F.17, F.18: [https://www.dbarchitect.com/project\\_detail/155/Dr%20George%20W%20Davis%20Senior%20Building.html](https://www.dbarchitect.com/project_detail/155/Dr%20George%20W%20Davis%20Senior%20Building.html)
- F.19: Elaboração própria
- F.20: <https://ndmais.com.br/noticias/frequente-poluicao-no-rio-capivari-no-norte-da-ilha-preocupa-banhistas-e-moradores/>
- F.21: <https://jornalconexao.com.br/2019/12/23/inaugurado-pela-prefeitura-o-parque-linear-dos-ingleses-neste-domingo-22/>
- F.22: <https://ndmais.com.br/economia-sc/bairro-dos-ingleses-uma-cidade-dentro-de-florianopolis/>
- F.23: Elaboração própria com base no QGIS
- F.24, F.25 e F.26: Google Street View
- F.27: Elaboração própria com base no QGIS
- F.258 e F.29: Elaboração própria com base no QGIS
- F.30: Elaboração própria
- F.31: Elaboração própria.
- F.32: Elaboração própria com base em Mariot (2019)
- F.33: Mariot (2019)
- F.34 e F.35: Acervo próprio.
- F.36: Elaboração própria
- F.37: Elaboração própria